

VIOLAÇÕES À **LIBERDADE DE EXPRESSÃO**

RELATÓRIO ANUAL 2022



 **ABERT**

Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão

© 2023 ABERT

Realização

Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão – ABERT

Pesquisa

Teresa Azevedo
Bites Análise de Dados

Análise

Cristiano Lobato Flôres
Gabriel Pena Costa
Rodolfo Salema
Teresa Azevedo

Redação e Edição

Teresa Azevedo

Projeto Gráfico e Editoração

Frisson Comunicação

Qualquer parte deste relatório pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

Disponível também em: www.abert.org.br

“


A liberdade
de expressão
é a maior
expressão da
liberdade.

”

CARLOS AYRES BRITTO

JURISTA E EX-MINISTRO DO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL





SUMÁRIO

PALAVRA DO PRESIDENTE **6**

PANORAMA DA VIOLÊNCIA CONTRA A IMPRENSA **9**

OS CRIMES CONTRA COMUNICADORES NO BRASIL **17**

ATAQUES VIRTUAIS **37**

ARTIGO **41**

CASOS DE VIOLÊNCIA 2022 **45**

PALAVRA DO PRESIDENTE



Flávio Lara Resende
PRESIDENTE DA ABERT

Mais uma vez, em 2022, o Brasil foi palco de dois assassinatos de profissionais da imprensa, um deles, com grande repercussão internacional. A execução do jornalista britânico Dom Phillips durante reportagem para um livro sobre meio ambiente, em área conhecida pelo avanço do desmatamento e do garimpo na Amazônia, colocou o Brasil nas manchetes policiais dos maiores jornais de todo o mundo. Também a execução de Givanildo Silva, após noticiar a prisão de um acusado de duplo homicídio, no Ceará, confirmou a classificação dada ao país por organizações estrangeiras que atuam em defesa da liberdade de imprensa como um “ambiente tóxico à atividade jornalística”.

Vários jornalistas foram e são mortos em zonas de guerra e conflito, mas como lembra a relatora especial da ONU para liberdade de expressão, Irene Khan, “quando jornalistas são atacados e mortos, e quando há impunidade para o assassinato de jornalistas em países democráticos, significa que a democracia está sendo enfraquecida”.

Também em 2022 – ano marcado por eleições gerais – as ameaças, intimidações e hostilidades aos profissionais da imprensa tiveram destaque fora do país. Além dos comunicadores brasileiros, profissionais da imprensa internacional que acompanharam o período eleitoral foram atacados por quem não respeita a missão do jornalista de informar e nem o direito da sociedade de ser informada.

Como em anos anteriores, os principais autores de agressões verbais e ofensas – presenciais ou virtuais – foram autoridades públicas e políticos que, contrariados com as notícias divulgadas, propagaram discursos de ódio e de desacreditização da imprensa, estimulando seus apoiadores contra profissionais e veículos de comunicação. A mesma forma agressiva das ofensas foi adotada nas ruas com ataques físicos e ameaças que muitas vezes colocaram em risco equipes de jornalismo que exercem, legitimamente, sua atividade profissional.

Direito garantido pela Constituição de 88, a liberdade de imprensa e de expressão é um bem público. É à sociedade que a imprensa presta contas e exerce o papel de vigilância. Cabe à imprensa expor todos os fatos e opiniões. As conclusões pertencem ao público.

A manutenção de uma mídia livre, independente e plural é essencial ao desenvolvimento e preservação da democracia e a tarefa de apresentar uma visão crítica sobre fatos de interesse da sociedade, com a devida checagem, continua sendo o antídoto a qualquer ameaça ao trabalho da imprensa.

O Relatório da ABERT aponta que, apesar da redução em alguns casos, os ataques à imprensa não deram trégua e que tais ações intimidatórias jamais serão o caminho para o aprimoramento de nossa sociedade, da liberdade de expressão e do Estado Democrático de Direito.





PANORAMA DA
VIOLÊNCIA

CONTRA A **IMPRENSA**

JORNALISMO NO MUNDO

DUAS DÉCADAS DE VIOLÊNCIA CONTRA JORNALISTAS

O dever de informar inerente ao jornalismo custou caro a centenas de profissionais espalhados pelo mundo. Nos últimos 20 anos, 1.668 comunicadores tiveram a vida interrompida enquanto exerciam a profissão, uma violência injustificável que tenta, incessantemente, silenciar o papel da imprensa.

É como se pelo menos 80 jornalistas morressem todos os anos em crimes caracterizados como "execuções" ou "emboscadas". O levantamento feito entre 2003 e 2022 pela organização

internacional Repórteres sem Fronteiras (RSF) revela que 80% dos casos ficaram concentrados em 15 países.

Em 2022, 58 assassinatos foram registrados, número mais alto dos últimos quatro anos e que mostra um aumento de 13,7% em relação a 2021. A guerra entre Rússia e Ucrânia contribuiu para esse crescimento e, apenas em solo ucraniano, oito repórteres foram mortos na cobertura do conflito nos dois países.

DE 2003 A 2022

- > **1.668 jornalistas assassinados no mundo**
- > **80 mortes / ano no mundo**
- > **42 jornalistas assassinados no Brasil**

Fonte: Repórteres Sem Fronteiras

MORTES DE JORNALISTAS

 1° > Iraque > 299 mortes	 9° > Brasil > 42 mortes
 2° > Síria > 279 mortes	 10° > Iêmen > 40 mortes
 3° > México > 125 mortes	 11° > Colômbia > 31 mortes
 4° > Filipinas > 107 mortes	 12° > Palestina > 29 mortes
 5° > Paquistão > 93 mortes	 13° > Honduras > 26 mortes
 6° > Afeganistão > 81 mortes	 14° > Rússia > 25 mortes
 7° > Somália > 78 mortes	 15° > Bangladesh > 24 mortes
 8° > Índia > 58 mortes	

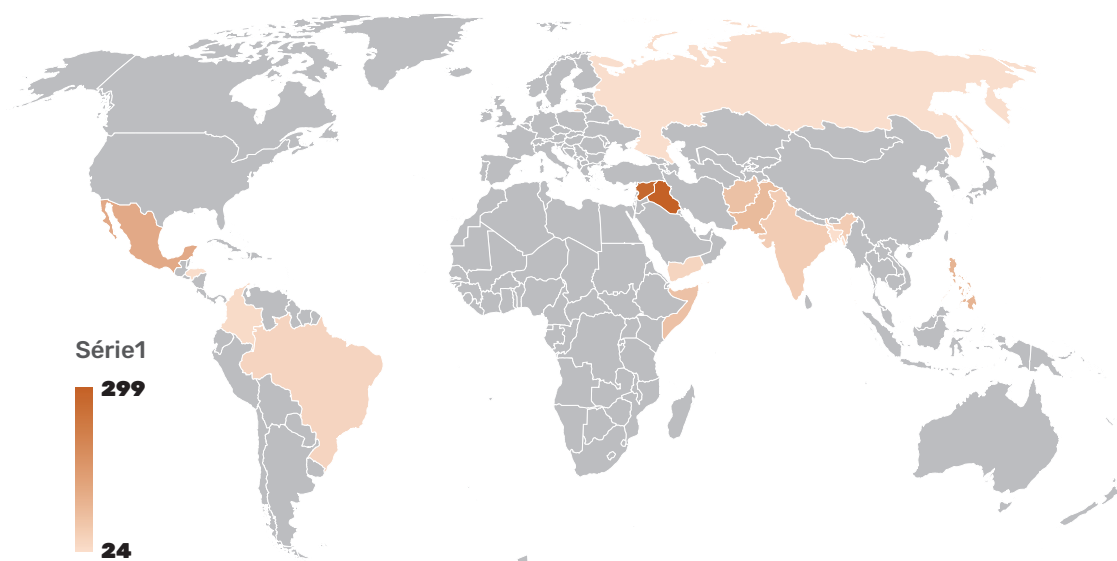
Fonte: Repórteres Sem Fronteiras

MORTES EM ZONAS DE PAZ

Os crimes não ficaram restritos às zonas de guerra. Países pacíficos também entraram na lista. Em duas décadas, 42 jornalistas perderam a vida no Brasil. Na maioria dos casos, a motivação dos assassinatos estava diretamente relacionada a denúncias e investigações de crime organizado e corrupção.

Ao lado de México, Colômbia e Honduras, o Brasil figura entre os 15 países da América Latina que registram o maior número de casos de assassinatos nas últimas duas décadas.

15 PAÍSES CONCENTRAM 80% dos jornalistas mortos desde 2003



Fonte: Repórteres sem Fronteiras

SITUAÇÃO DIFÍCIL PARA JORNALISTAS BRASILEIROS

De acordo com a organização internacional, no Brasil, a relação entre imprensa e governo foi deteriorada nos últimos quatro anos, ao longo do governo de Jair Bolsonaro. O levantamento aponta que as incessantes tentativas de

enfraquecimento do jornalismo profissional, descredibilização da imprensa e a visão de que jornalista é um inimigo do Estado minaram o trabalho dos que diariamente levam informação para os lares brasileiros.

FALHA NA PROTEÇÃO TORNA JORNALISMO MAIS VULNERÁVEL

Não bastassem os desafios diários, jornalistas do mundo todo têm que lidar com o medo de não saber se a volta para casa depois de um dia exaustivo de trabalho é garantida. A vulnerabilidade da profissão não tem fim.

De acordo com o Observatório de Jornalistas Assassinados da UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura –, em 2022, 87 profissionais da mídia foram mortos, um a cada quatro dias.



87 jornalistas assassinados em todo mundo



1 jornalista assassinado a cada 4 dias

Fonte: UNESCO

Os números diferem dos apresentados pela organização Repórteres sem Fronteiras porque incluem profissionais que estavam de folga no momento do crime, mas indicam que os casos aumentaram 50% em relação a 2021.

Para a UNESCO, os esforços para impedir crimes e garantir a punição dos autores destes assassinatos são cruciais. “Embora tenha ocorrido certo progresso nos últimos anos, a taxa de impunidade

em casos de assassinatos de jornalistas permanece incrivelmente alta, em 86%, o que acarreta um efeito inibidor no trabalho dos profissionais e coloca em risco a liberdade de expressão em todo mundo”, pondera a UNESCO.

“Isso prova que o combate à impunidade continua sendo um compromisso permanente para o qual a cooperação internacional deve ser mobilizada ainda mais”, conclui a Organização.





COMITÊ PARA PROTEÇÃO DOS JORNALISTAS

2022: UM ANO MORTAL PARA A IMPRENSA

A guerra na Ucrânia e o aumento acentuado da violência contra jornalistas na América Latina também são apontados pelo Comitê para Proteção dos Jornalistas (CPJ) como os grandes alavancadores dos índices de morte registrados em 2022 em todo o mundo. A entidade, que acompanha atentamente os riscos do exercício

da profissão, conclui que repórteres que cobrem política, crime e corrupção são alvos frequentes. O CPJ acompanha três tipos de mortes relacionadas ao trabalho destes profissionais: assassinatos seletivos ou em represália a reportagens feitas, mortes em combate ou fogo cruzado e mortes durante outras coberturas perigosas.

UM OLHAR ATENTO ÀS MORTES DE JORNALISTAS

-  > Alvo frequente: **Cobertura política, criminal e corrupção**
 -  > **Assassinatos** em represália a reportagens
 -  > **Mortes** em fogo cruzado
 -  > **Mortes** em coberturas de risco
-

BRASIL

VIOLAÇÕES À LIBERDADE DE IMPRENSA E DE EXPRESSÃO

Dois crimes brutais diretamente ligados ao exercício do jornalismo e um ainda sob investigação das autoridades policiais brasileiras. Após um ano sem o registro de assassinatos de jornalistas, em 2022, o Brasil voltou a fazer parte desta triste estatística.

Em junho, a execução do jornalista britânico Dom Phillips em solo brasileiro estampou a primeira página de jornais do mundo todo. O colaborador do jornal britânico The Guardian teve o corpo esquartejado e enterrado no Vale do Javari, em Atalaia do Norte, no Amazonas. Ele fazia pesquisa de campo com povos originários da região porque tinha o sonho de escrever um livro sobre como salvar a Amazônia.

Quatro meses antes, no Ceará, Givanildo Oliveira da Silva foi morto logo após noticiar a prisão de um suspeito de duplo homicídio, em Fortaleza.

Um terceiro crime está no foco das atenções da ABERT: a morte a tiros do jornalista e empresário Luiz Carlos Gomes, em Italva (RJ). O dono do Jornal Tempo News foi abordado por dois homens em uma motocicleta quando voltava para casa. O caso não está contabilizado neste Relatório, pois a polícia ainda não confirmou que o assassinato tenha ligação com o exercício do jornalismo.

A ABERT espera, no entanto, que este não seja mais um caso de execução de jornalista sem solução e insiste que toda e qualquer forma de ameaça contra um profissional da comunicação deve ser apurada e medidas cabíveis devem ser adotadas.

Além dos dois assassinatos, o Relatório da ABERT computou, em 2022, **137 casos de violência não letal**, com **pelo menos 212 profissionais e veículos de comunicação envolvidos**. Ou seja, **a cada dois dias a imprensa sofreu algum tipo de ataque**. Embora o número de registros de casos em relação a 2021 tenha tido uma redução de 5,52% e o de vítimas de 7,83%, não há motivos para comemorar. Enquanto um jornalista estiver na

mira de quem tenta calar ou atrapalhar o trabalho da imprensa, a liberdade de expressão não será exercida em sua plenitude.

Diferentemente de 2021, quando as ofensas lideraram os registros, desta vez, as agressões físicas estiveram no topo da lista de violações ao trabalho jornalístico. Foram 47 casos contra os 34 do ano anterior, um aumento significativo de 38,24%. A quantidade de vítimas também subiu de 61 para 74, um aumento de 21,31%.

O Relatório aponta ainda uma incidência maior dos vários tipos de agressões em períodos específicos e com viés político. Os ataques em várias cidades brasileiras ocorreram, em sua maioria, nos dias seguintes ao segundo turno da eleição presidencial, durante a cobertura dos protestos contra o resultado do pleito, em defesa de um golpe militar, e durante a desmobilização de acampamentos em frente aos quartéis do Exército.

Casos de importunação sexual, que anteriormente não foram registrados, voltaram a aparecer no mapa da violência. Também os casos de censura e ataques e vandalismos tiveram aumentos de 100% e 25%, respectivamente.

Entre as violências não letais com diminuição em registros estão atentados (-75%), ofensas (-47,17%), injúrias (-50%) e intimidações (-3,85%). O único tópico que se manteve estável, em 2022, foi o de roubos e furtos, com o mesmo número de 2021.

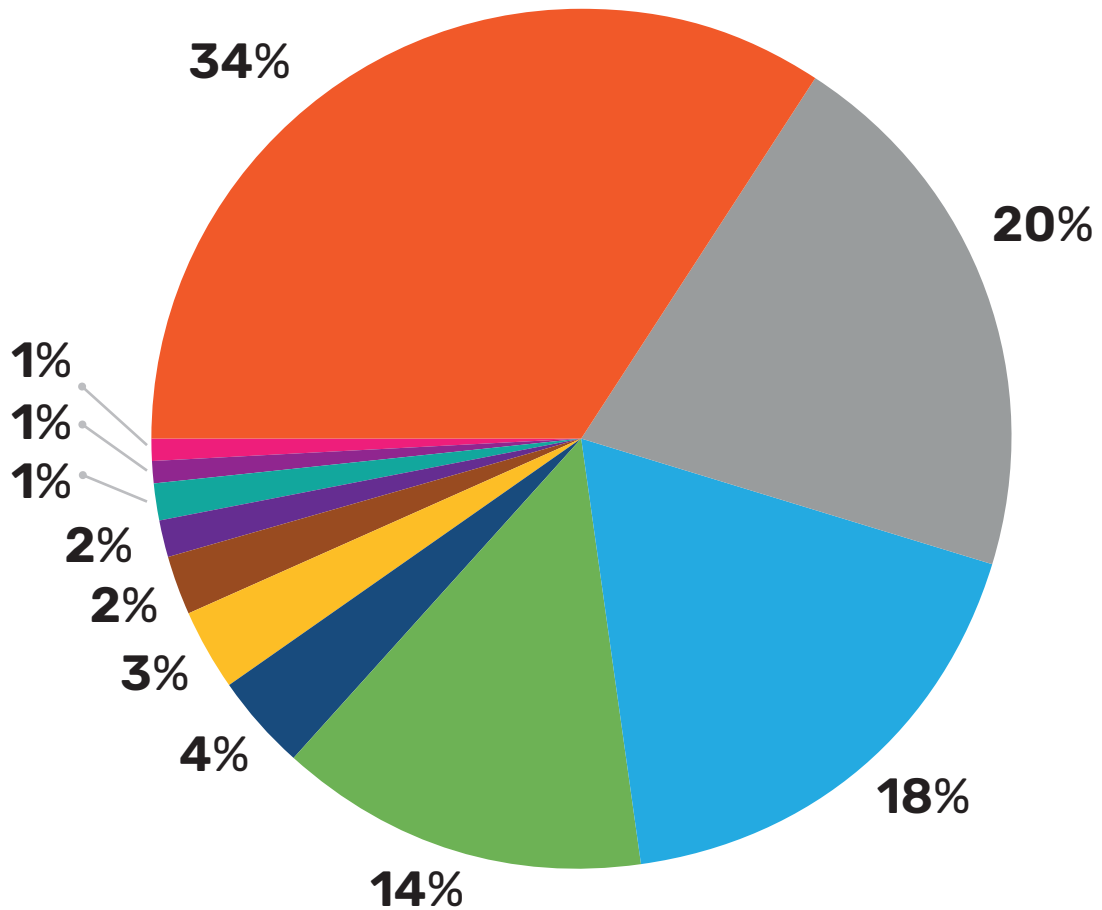
Os **ataques virtuais** estão em um capítulo à parte. Segundo levantamento da empresa de análise de dados para decisões estratégicas, BITES, apesar da queda de 6% das agressões virtuais dirigidas aos profissionais e veículos de comunicação em 2022, **a imprensa brasileira sofreu 3,6 mil ataques por dia, ou mais de dois ataques por minuto**.

A exemplo dos outros relatórios já divulgados, as decisões judiciais – 20 em 2022 – não entraram na contagem de violência não letal.

CASOS DE VIOLAÇÕES À LIBERDADE DE IMPRENSA E DE EXPRESSÃO NO BRASIL

VIOLÊNCIA **NÃO LETAL** 2022

Fonte: ABERT



Agressões 47 (74 vítimas)

Ofensas 28 (48 vítimas)

Intimidações 25 (39 vítimas)

Ameaças 19 (28 vítimas)

Ataques/Vandalismo 5 (5 vítimas)

Importunação sexual 4 (4 vítimas)

Injúria 3 (3 vítimas)

Atentados 2 (4 vítimas)

Censura 2 (5 vítimas)

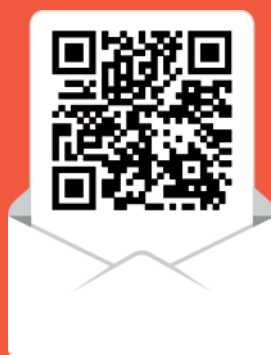
Sequestro 1 (1 vítima)

Roubo/Furto 1 (1 vítima)



OS CRIMES CONTRA **COMUNICADORES** NO BRASIL

Para acessar os casos do
relatório, aponte o celular:





ASSASSINATOS

Em 2022, o Brasil voltou a registrar assassinatos de jornalistas pelo exercício da profissão. Em mais de uma década de monitoramento pela ABERT dos casos de agressões contra profissionais da comunicação, apenas em 2019 e em 2021, a imprensa brasileira não foi atingida pela forma mais letal de violência.

Foram dois casos de profissionais mortos pela cobertura jornalística, uma alarmante realidade que não pode ser desprezada pelas autoridades competentes.

As mortes do jornalista britânico e colaborador do jornal The Guardian, **Dom Phillips**, durante reportagem com depoimentos sobre os constantes conflitos de indígenas com garimpeiros e madeireiros que atuam ilegalmente no Vale do Javari, em Atalaia do Norte (AM), e de **Givanildo Oliveira da Silva**, morto após noticiar a prisão de um suspeito de duplo homicídio em Fortaleza (CE), entraram para as estatísticas que confirmam o Brasil como um dos países mais perigosos para o exercício do jornalismo.

CASOS

2

Vítimas

2



ATENTADOS

A definição é clara: tentar destruir ou lesar um bem ou uma pessoa.

Atentados são atos criminosos que chamam a atenção porque, se bem-sucedidos, geram danos irreparáveis. Quando praticados contra seres humanos, podem resultar em morte. E este, infelizmente, foi outro tipo de grave violência praticada contra jornalistas em 2022.

Apesar da diminuição de 75% no número de casos e de 50% na quantidade de vítimas, no comparativo com o ano anterior, em 2022 houve dois registros de atentados, com pelo quatro pessoas envolvidas.

Em ambas as situações, equipes de TV faziam coberturas jornalísticas em São Paulo quando foram alvos de tentativas de atropelamento.






CASOS

2

Vítimas

4

PERFIL DOS ATENTADOS

	Região	Sudeste	SP (2)
	Sexo	Homem Mulher	1 3
	Cobertura	Cidades	2
	Veículo	TV	2
	Autores	Desconhecido	2



AGRESSÕES

A violência física contra jornalistas está espalhada em todas as regiões do país. De Norte a Sul, houve registros de agressões contra profissionais de comunicação. Foram pelo menos 47 casos em 2022, um aumento de 38,24% em relação ao ano anterior. O número de vítimas também cresceu consideravelmente, passando de 61 para 74 profissionais atacados (+21,31%).

Mais uma vez, Sudeste e Sul foram recordistas nas agressões físicas, representando quase 63,83% do total. Em quase 98% dos casos, equipes que faziam coberturas de Cidades e Política estiveram na mira de agressores informados com o trabalho jornalístico.

Profissionais de televisão foram os maiores alvos, mas repórteres de sites, rádios e jornais também foram agredidos.

Em 2022, 59 homens (79,73% do total) receberam socos, chutes e empurrões, formas mais comuns de violência não letal.

Em um ano marcado por eleições gerais, manifestantes e populares foram os maiores agressores. Protestos favoráveis ao então presidente Jair Bolsonaro e contra o resultado das urnas levaram milhares de pessoas às ruas. Durante as coberturas de manifestações antide-mocráticas, inúmeros jornalistas foram agredidos e, em muitas situações, tiveram objetos de trabalho completamente destruídos ou danificados. A maioria destes casos foi registrada logo após o resultado das eleições presidenciais que garantiram quatro anos de mandato a Luiz Inácio Lula da Silva.

CASOS

47

Vítimas

74 (pelo menos)

PERFIL DAS AGRESSÕES

	Região	Sudeste Sul Centro-Oeste Nordeste Norte	SP (8) MG (5) RJ (4) ES (2) PR (6) RS (5) DF (2) GO (1) MS (1) MT (1) BA (3) PI (3) PE (1) SE (1) PA (2) AM (1) RO (1)
	Sexo	Homem Mulher Não especificado	59 13 2
	Cobertura	Política Cidades Esportes	24 22 1
	Veículo	TV Rádio Site Jornal Não especificado	31 7 7 5 4
	Tipo	Socos, chutes, empurrões, tapas, arranhões e etc Outros Pedrada	25 18 4
	Autores	Manifestante Outros Desconhecido Alvo de reportagem Policial/agente de segurança Político/ocupante de cargo público Popular	14 9 8 6 4 4 2



OFENSAS

Quem deveria dar o exemplo esteve entre os maiores propagadores de agressões verbais contra jornalistas brasileiros. Em 2022, políticos e ocupantes de cargos públicos foram os principais autores das ofensas à imprensa. Xingamentos, depreciação do trabalho jornalístico e termos com conotação pejorativa foram usados para atacar os jornalistas e veículos de comunicação. O discurso de ódio do então presidente Jair Bolsonaro contaminou seus apoiadores, que seguiram a mesma linha de agressão verbal.

Das 12 ocorrências registradas contra jornalistas mulheres, em quatro as ofensas foram direcionadas à apresentadora da TV Cultura, Vera Magalhães. Chamada por Bolsonaro de “vergonha ao jornalismo brasileiro”, as ofensas continuaram sendo repetidas por seus seguidores.

Ao todo, foram registrados 28 casos de ofensas e, apesar da redução de 47,17% em relação a 2021 no número de registros e de 46,07% no de vítimas – caiu de 89 para 48 –, não há motivos para comemorar.

Mais uma vez, equipes de TV encabeçaram o ranking dos jornalistas mais ofendidos. Em seguida, estão os profissionais de sites e portais de notícias, e de jornais.

CASOS**28****Vítimas****48** (pelo menos)

PERFIL DAS OFENSAS

	Região	Sudeste	SP (9) RJ (4)
		Centro-Oeste	DF (3) MS (1) MT (1)
		Norte	PA (3) AM (2)
		Nordeste	PE (1) PI (1)
		Sul	SC (2)
		*Fora do país	Inglaterra (1)
	Sexo	Homem	31
		Mulher	12
		Não especificado	5
	Cobertura	Política	25
		Cidades	3
	Veículo	TV	18
		Site	11
		Jornal	5
		Não especificado	2
		Rádio	2
	Tipo	Depreciação	13
		Xingamento	12
		Conotação pejorativa	3
	Autores	Político/ocupante de cargo público	15
		Manifestante	9
		Policial/agente de segurança	2
		Alvo de reportagem	1
		Outros	1



INTIMIDAÇÕES

De um modo geral, profissionais de imprensa tiveram dificuldade de continuar realizando coberturas jornalísticas voltadas para o contexto político em 2022. Aos gritos, ou aparecendo em frente às câmeras para atrapalhar a reportagem, os intimidadores tentaram impedir o trabalho desses profissionais.

Ao todo, 25 casos de intimidação foram registrados em 2022 – 3,85% a mais que em 2021 – tendo como alvo 39 profissionais, uma redução de 9,3% no número de vítimas em relação ao ano anterior.

Os homens continuam sendo as maiores vítimas: foram 20 profissionais intimidados, contra 14 mulheres. Em 76% dos casos, as coberturas estavam relacionadas aos atos antidemocráticos registrados após as eleições, em consequência da derrota de Jair Bolsonaro nas urnas. Manifestantes e políticos e ocupantes de cargos públicos foram os principais autores das intimidações à imprensa.

A ABERT lembra que tratar a imprensa como “inimiga” da população e cercear a liberdade de expressão é também uma tentativa de negar ao cidadão brasileiro o direito à informação sobre assuntos de interesse público.

CASOS

25

Vítimas

39 (pelo menos)

PERFIL DAS INTIMIDAÇÕES

	Região	Sudeste	SP (5) MG (3) ES (1) RJ (1)
		Sul	PR (4) RS (4)
		Nordeste	BA (1) CE (1) PB (1)
		Norte	AM (1) RO (1)
		Centro-Oeste	MS (1) TO (1)
	Sexo	Homem	20
		Mulher	14
		Não especificado	5
	Cobertura	Política	19
		Cidades	6
	Veículo	TV	20
		Site	6
		Rádio	2
		Jornal	1
	Tipo	Impedir trabalho	13
		Gritos	7
		Não especificado	2
		Represália	2
		Constrangimento	1
	Autores	Manifestante	13
		Policial/agente de segurança	3
		Político/ocupante de cargo público	3
		Desconhecido	2
		Outros	2
		Popular	2



AMEAÇAS

O crime está previsto no artigo 147 do Código Penal Brasileiro. Quando comprovada uma ameaça, o autor pode ser punido com detenção que varia de um a seis meses. Multas também podem ser aplicadas.

A pena, considerada branda, pode ser um dos motivos para as inúmeras ameaças de agressão ou de morte contra os jornalistas brasileiros.

Em 2022, 19 casos foram registrados, com pelo menos 28 vítimas, um aumento significativo em relação a 2021, quando 12 registros foram contabilizados envolvendo 15 pessoas ameaçadas (crescimento de 58,33% e 86,67%, respectivamente).

A região Sudeste, com ênfase para São Paulo, continua liderando o ranking deste tipo de violência contra quem cumpre o papel de informar. Em ano eleitoral marcado pela indignação e inconformismo de apoiadores do então presidente Jair Bolsonaro com o resultado das urnas, manifestantes foram às ruas muitas vezes para impedir o trabalho da imprensa. Equipes de televisão foram os maiores alvos.

Em 71,43% dos casos, as vítimas eram homens. Ameaças de morte durante coberturas políticas foram maioria.

CASOS

19

Vítimas

28 (pelo menos)

PERFIL DAS AMEAÇAS

	Região	Sudeste Centro-Oeste Norte Sul Não especificado	SP (7) ES (1) DF (3) MT (2) MS (1) PA (1) RO (1) SC (2) 1
	Sexo	Homem Mulher Não especificado	20 4 4
	Cobertura	Política Cidades Esportiva	14 4 1
	Veículo	TV Site Não especificado Jornal Outros	8 7 3 1 1
	Tipo	Morte Agressão Não especificado	7 6 6
	Autores	Manifestante Desconhecido Outros Alvo de reportagem	9 4 4 2



INJÚRIA

Em 2022, três casos de injúria contra jornalistas foram registrados em todo o Brasil. Apesar de o número representar metade dos casos de 2021, esse tipo de crime merece especial atenção da sociedade e poder público.

Em todas as situações, os ataques tiveram como alvo a cor da pele das vítimas e, neste quesito, o aumento das injúrias raciais foi de 200% em relação ao ano anterior, quando um caso foi computado e os outros cinco envolveram insultos sexuais e homofóbicos.

Em um país de maioria negra, é preocupante ver que o racismo ainda está enraizado na sociedade, sendo um alerta à intolerância.

Os homens foram os mais afetados pelas ofensas à honra.

Na maioria das ofensas raciais, os autores agem no anonimato por saberem que, se descobertos, podem ser punidos.

A injúria racial está prevista no artigo 140 do Código Penal Brasileiro e estabelece pena de reclusão de um ano três anos por ato análogo à violência, e multa.

CASOS

3

Vítimas

3

PERFIL DAS INJÚRIAS

	Região	Centro-Oeste	2
		Sudeste	1
	Sexo	Homem	2
		Mulher	1
	Cobertura	Cidades	2
		Política	1
	Veículo	Jornal	1
		Rádio	1
		TV	1
	Tipo	Racial	3
	Autores	Desconhecido	2
		Manifestante	1



ATAQUES/VANDALISMO

Sedes de emissoras e carros de reportagem continuam sendo os maiores alvos de vândalos que dirigem os ataques aos veículos de comunicação.

Em 2022, foram registrados cinco casos de vandalismo contra prédios, veículos de TV e cabines de transmissão, um aumento de 25% em relação ao ano anterior.

Na maioria deles, os autores não foram identificados. A região Norte concentrou 40% do total de ocorrências.

Fogo, pedra e até tiros estão entre os ataques direcionados aos veículos de comunicação.

CASOS

5

Vítimas

5

PERFIL DOS ATAQUES/VANDALISMO

 Região	Norte	RO (2)
	Nordeste	PB (1)
	Sudeste	ES (1)
	Sul	PR (1)
 Tipo de alvo	Carro de reportagem	2
	Cabine de transmissão	1
	Sede de jornal	1
	Sede de rádio	1
 Tipo de ataque	Incêndio	2
	Destruição	1
	Pedradas	1
	Tiros	1
 Autores	Não identificado	3
	Popular	1
	Torcedor	1



CENSURA





Os casos de censura voltaram a crescer em 2022, comprovando que o cerceamento do direito de informar é uma grave violação à liberdade de imprensa e de expressão no país.

Pelo menos cinco profissionais de comunicação de portais de notícias, jornais e emissoras de TV foram expulsos de coberturas jornalísticas, um aumento de 100% em relação a 2021.

O caso mais emblemático de 2022 ocorreu quando jornalistas da Agência Estado, da Folha de S.Paulo, de O Globo e algumas emissoras de TV foram retirados por seguranças contratados para a convenção de Assembleias de Deus do Ministério de Madureira, em Deodoro (RJ). As equipes estavam no local para acompanhar um pronunciamento do então presidente Jair Bolsonaro e foram expulsas antes mesmo de Bolsonaro falar.

CASOS
2
Vítimas
5 (pelo menos)

PERFIL DAS CENSURAS

	Região	Sudeste	RJ (1) SP (1)
	Veículo	Jornal Site TV	3 1 1
	Tipo	Expulsão de cobertura	2
	Autores	Policial/agente de segurança Presidente de clube	1 1



SEQUESTRO

O sequestro de jornalistas no Brasil é um crime considerado raro, mas em 2022 voltou a despertar a atenção para este tipo de violência.

Dono de um canal de notícias no Youtube, o comunicador Sandro André da Silva Ferreira foi espancado e levado em uma caminhonete

enquanto fazia uma reportagem sobre o fechamento de postos de saúde na cidade paraense de Tucuruí. O sequestro está sendo investigado sob sigilo. O principal suspeito do crime é o prefeito do município, Alexandre Siqueira (MDB), envolvido em denúncias de gastos irregulares na campanha de 2020.

CASOS

1

Vítimas

1

PERFIL DO SEQUESTRO



Região

Norte

PA (1)



Sexo

Homem

1



Cobertura

Cidades

1



Veículo

Site

1



Autores

Político

1



IMPORTUNAÇÃO SEXUAL

As jornalistas mulheres não estão livres da importunação sexual enquanto trabalham. O assédio, praticado por desconhecidos das vítimas, voltou a ser registrado no país.

Em 2022, foram quatro casos.

Na maioria, repórteres e apresentadoras de TV foram importunadas durante entradas ao vivo. Em 75% dos registros, as jornalistas faziam coberturas esportivas na região Sudeste do país.

Além de beijos sem consentimento, mensagens anônimas e vídeos de cunho sexual foram enviados para as comunicadoras.

CASOS

4

Vítimas

4

PERFIL DA IMPORTUNAÇÃO SEXUAL

	Região	Sudeste Centro-Oeste	RJ (3) DF (1)
	Sexo	Mulher	4
	Cobertura	Esportes Cidades	3 1
	Veículo	TV	4
	Tipo	Sexual	4
	Autores	Desconhecido Telespectador Torcedor	2 1 1



ROUBO/FURTO

Em 2022, também houve o registro de uma tentativa de furto. Desta vez, a vítima foi um jornalista português que estava no país para a cobertura das eleições.

CASOS**1****Vítimas****1**

PERFIL DO ROUBO E FURTO

**Região**

Sudeste

SP **(1)****Veículo**

TV

1**Autor**

Desconhecido

1



DECISÕES JUDICIAIS

Em 2022, pelo menos 20 decisões judiciais foram proferidas em todo o país. O número é 31,03% menor que o registrado no ano anterior, quando houve 29 sentenças judiciais sobre o trabalho da imprensa. O levantamento realizado pela ABERT aponta que, do total, 11 decisões foram favoráveis e outras nove, contrárias.

Os pedidos de retirada do ar de informações e matérias contra alvos de reportagem e a proibição de citação de nomes em matérias jornalísticas continuam sendo comuns na justiça brasileira. Esse tipo de ação também representa uma forma de intimidação ao trabalho jornalístico.

Entre as decisões favoráveis à imprensa, chama a atenção o fato de o então presidente Jair Bolsonaro ter sido condenado a pagar R\$ 100 mil à categoria dos jornalistas. A vitória se deu depois que o sindicato dos profissionais de São Paulo entrou com ação civil pública contra Bolsonaro, para que ele parasse de ofender, deslegitimar ou desqualificar o trabalho da imprensa, bem como vazar informações pessoais de repórteres e apresentadores. A prática foi repetida inúmeras vezes ao longo dos quatro anos de Bolsonaro à frente da presidência da República.



TSE E PERÍODO ELEITORAL

As decisões judiciais, em especial no período eleitoral de 2022, muitas vezes, interferiram na programação dos veículos de comunicação, com a restrição à veiculação de conteúdos.

Para a ABERT, a desinformação e os discursos de ódio merecem total repúdio e devem ser combatidos de forma contundente. Os limites estabelecidos pela legislação eleitoral devem ser

respeitados, mas não podem servir de instrumento para a relativização dos conceitos de liberdade de imprensa e de expressão, princípios de nossa democracia e do Estado de Direito.

Assim como em relatórios anteriores, as decisões judiciais são tratadas em um capítulo à parte e, portanto, não entram na contagem de casos de violência não-letal contra a imprensa.

CASOS

20

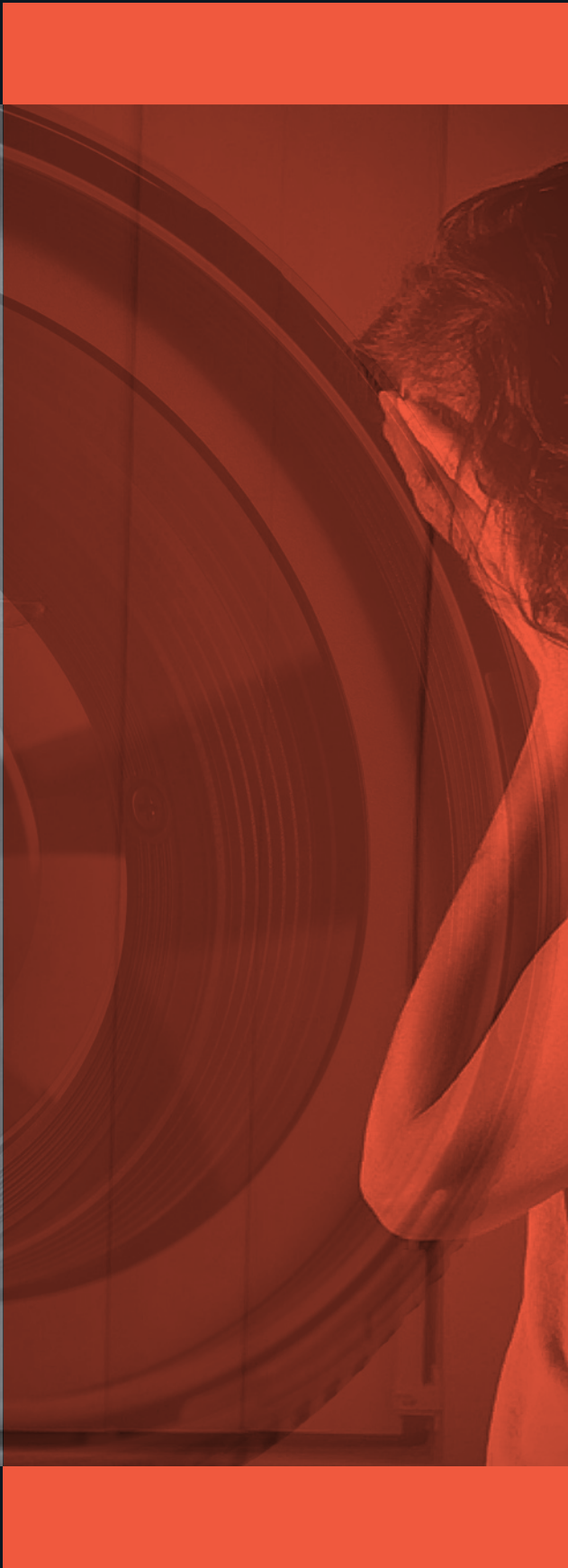
PERFIL DAS DECISÕES

Favoráveis

11

Contrárias

9





ATAQUES
VIRTUAIS

CONTRA A
IMPRENSA



ATAQUES VIRTUAIS

Em um ano marcado por eleições gerais, mais uma vez, a mídia brasileira não ficou imune às agressões e correntes de ódio virtuais.

Em 2022, os ataques à imprensa, partindo de aliados do então presidente Jair Bolsonaro, chegaram a 1,32 milhão de posts, uma redução de 6% em relação ao ano anterior, quando chegaram a 1,4 milhão de críticas publicadas no Facebook, Twitter e Instagram.

Ainda assim, em 2022, **a imprensa brasileira sofreu 3,6 mil ataques por dia, 150,7 por hora ou 2,51 ataques por minuto**, com palavras pejorativas e de baixo calão contra os profissionais e veículos de comunicação.

Parte dessa queda ocorreu graças à reação da sociedade em defesa da importância do papel do jornalismo para a democracia, mas também porque os bolsonaristas abrigaram seus ataques em outros pontos, como os grupos de WhatsApp e Telegram, difíceis de serem mapeados em larga escala como as redes sociais tradicionais. Nesse quesito, o ex-presidente Bolsonaro intensificou seus ataques contra o trabalho dos jornalistas.

Nos seus perfis oficiais no Twitter, Facebook e Instagram, em 2022, ele fez 132 posts com críticas à imprensa, número 103% maior do que no ano anterior. Essas publicações de Bolsonaro alcançaram 26,2 milhões de interações (comentários, curtidas, compartilhamentos e retuítes).

“Como nos anos anteriores, Bolsonaro se manteve como principal hub de ataques ao trabalho da mídia e sua capacidade de engajamento amplificou essas mensagens contra o jornalismo e os jornalistas”, afirma Manoel Fernandes, diretor da Bites.

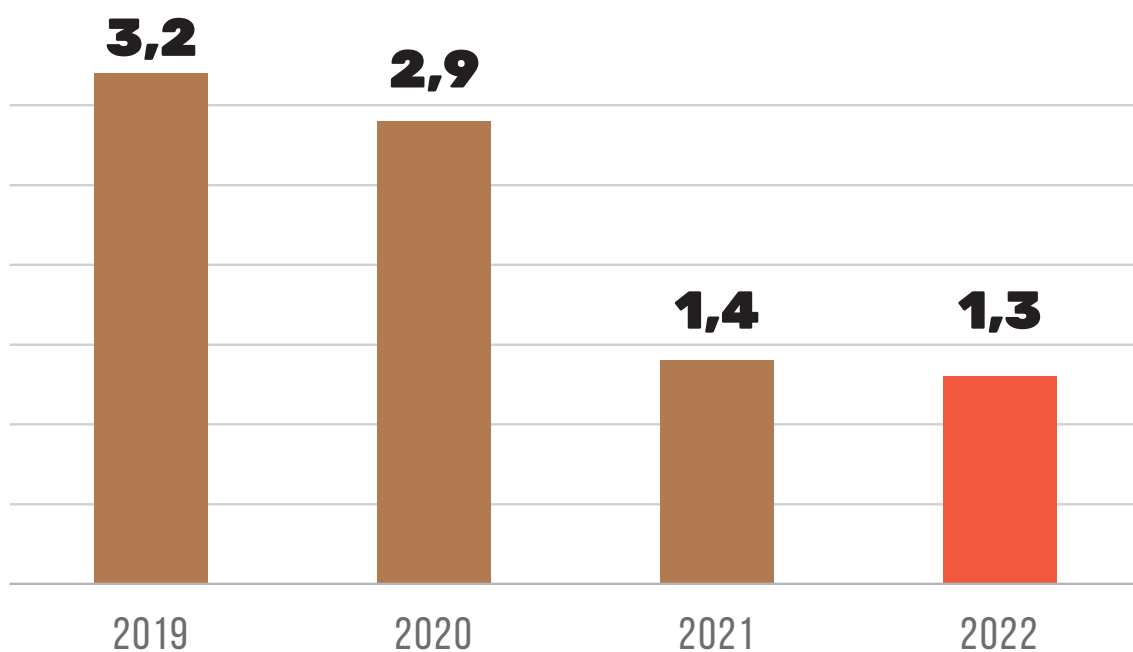
O então candidato do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, também usou as redes sociais para falar da mídia, mas numa direção contrária à do seu adversário. Nos 127 posts publicados sobre o tema, em 2022, o petista criticou os ataques ao jornalismo e procurou se solidarizar com o papel da mídia tradicional na defesa da democracia. Alcançou 6,3 milhões de interações, deixando claro que os detratores da imprensa estavam abrigados nas hostes do bolsonarismo.

No âmbito geral, **nas redes sociais, a mídia brasileira foi mais citada em 2022 do que em 2021**. O aumento das publicações em torno da árvore semântica (jornalista, jornalismo, mídia e imprensa) foi de 11%. A maior variação ocorreu no Facebook, com 96%, e a menor, no Instagram, com 1%. Profissionais de rádio, TV, veículos impressos e de Internet continuaram sendo buscados no Google Brasil por usuários da rede de computadores em todo país. No total, 2022 terminou com **17 milhões de consultas no Google sobre os 60 principais jornalistas brasileiros**.

Desde 2019, quando, a pedido da ABERT, a BITES começou a medir os ataques ao trabalho da imprensa no Brasil, o número vem caindo a cada ano. O ápice das ofensas e expressões depreciativas aconteceu no primeiro ano da administração de Jair Bolsonaro, quando os bolsonaristas, ainda sem o esboço da reação da sociedade, que aconteceu em 2022, produziram 3,2 milhões de ataques à mídia, como mostra o gráfico a seguir.

Volume de ataques à mídia

(em milhões)



A pesquisa completa da **BITES** pode ser acessada em bites.com.br.





ARTIGO

Artigo **UNESCO**

Imprensa
enfrenta
ambiente
desafiador

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) acredita que informações confiáveis são mais do que necessárias – elas são vitais. Os jornalistas desempenham um papel essencial no fornecimento dessas informações: são eles que avaliam, investigam e divulgam fatos, garantindo que cidadãos e cidadãs sejam capazes de tomar decisões informadas e bem fundamentadas. A informação é, portanto, um bem público, que todas as sociedades devem defender e apoiar.

Apesar disso, atualmente os jornalistas enfrentam um ambiente desafiador, no qual a informação tem um impacto cada vez mais significativo na vida das pessoas. Ao mesmo tempo em que as facilidades trazidas pela tecnologia apresentam inúmeras oportunidades, elas criam desafios em áreas como acesso à informação, liberdade de expressão e privacidade – aqui, um dos grandes temas atuais de debate é a questão da desinformação.

A internet e as mídias sociais trouxeram enormes oportunidades de comunicação, integração e aprendizagem para as pessoas e as sociedades. No entanto, as plataformas digitais também têm sido usadas como vetores de desinformação, discursos de ódio, teorias da conspiração e outros conteúdos potencialmente prejudiciais à democracia e aos direitos humanos. Portanto, os sistemas regulatórios atuais ainda precisam se adaptar a esses desafios.

O relatório publicado em 2022, que abrange o biênio 2020-2021, traz dados que merecem ser destacados: apesar dos esforços despendidos, os jornalistas continuam a ser assassinados a um ritmo alarmante. Nos anos de auge da pandemia da COVID-19 (2020 e 2021), a UNESCO registrou um total de 117 assassinatos de jornalistas em

todo o mundo. No geral, esses dois anos registraram o menor número de mortes do que qualquer outro período que foi objeto de relatório. No entanto, é importante destacar que, de acordo com o Observatório da UNESCO de Jornalistas Mortos, 87 jornalistas foram mortos em 2022, o que o torna o ano mais mortal desde 2018.

A questão de gênero também merece atenção: em 2021, a porcentagem de mulheres jornalistas mortas cresceu para 11%, em comparação a 6% no ano anterior. Esse aumento preocupante pode ser um reflexo do fato de que as mulheres jornalistas estão sujeitas a ataques online baseados em gênero, que muitas vezes as expõem à violência física, colocando assim suas vidas em risco.

Por outro lado, o relatório mostra que a impunidade por crimes cometidos contra jornalistas tem diminuído. Em 2022, a taxa de impunidade global foi mensurada em 86%, em comparação com 89% em 2018. No entanto, apesar da ligeira melhora, a impunidade continua a ser chocante, uma vez que quase 9 em cada 10 assassinatos de jornalistas continuam sem solução. Além disso, 65% dos Estados-membros responderam às cartas da UNESCO com a atualização de informações sobre o status judicial dos processos de investigação relativos aos assassinatos de jornalistas, mas ainda abaixo dos registros de 2020, quando a taxa de resposta atingiu 71%.

Diante desses dados, a UNESCO, que tem a liberdade de expressão consagrada em sua Constituição, reforça o seu compromisso com a segurança dos jornalistas e com o combate à impunidade, e convida todos a se juntarem à Organização na importante missão de construir um novo panorama da era digital, com base nos valores da democracia, da pluralidade e do acesso à informação.

Marlova Jovchelovitch Noieto
Diretora e representante da UNESCO no Brasil





CASOS DE
VIOLÊNCIA

2022



ASSASSINATOS

7 de fevereiro – O jornalista **Givanildo Oliveira da Silva** foi assassinado a tiros a poucos metros de onde morava, após noticiar a prisão de um suspeito de duplo homicídio em Fortaleza (CE). Dono do canal virtual de notícias Pirambu News, Gigi, como era conhecido, cobria assuntos locais relacionados a Pirambu, considerada uma das maiores favelas do país.

5 de junho – O jornalista inglês **Dom Phillips** foi assassinado durante viagem ao Vale do Javari, em Atalaia do Norte (AM), área de exploração irregular de minério. Colaborador do jornal britânico The Guardian, com reportagens sobre política e meio ambiente, Dom fazia pesquisas para um livro, com depoimentos sobre os constantes conflitos de indígenas com garimpeiros e madeireiros que atuam ilegalmente na região. O jornalista acompanhava o indigenista brasileiro Bruno Araújo Pereira, que também foi assassinado.



ATENTADOS

14 de fevereiro – Uma equipe de reportagem da TV Thati, afiliada da Rede Record, sofreu um atentado durante a madrugada, em frente à 2ª Delegacia Seccional de Campinas (SP). O cinegrafista **Leandro Marques** foi atropelado enquanto acompanhava uma ocorrência sobre violência doméstica. Ele fazia uma gravação com a repórter **Juliana Giachini**, quando o motorista de um carro acelerou e avançou contra os profissionais. Nas imagens, é possível ver o momento em que o suspeito atinge o repórter cinematográfico. Marques teve escoriações leves nas pernas e nos braços. Giachini não ficou ferida.

10 de maio – A repórter **Paula Araújo** e a repórter cinematográfica **Patrícia Santos**, da GloboNews, quase foram atropeladas durante uma entrada ao vivo, quando um homem avançou com o carro na direção das duas, na zona sul de São Paulo, após xingar as profissionais e fazer críticas à TV Globo.



AGRESSÕES

13 de janeiro – A repórter do SBT, **Melina Saad**, teve o microfone arrancado das mãos e jogado no chão durante cobertura ao vivo sobre um acidente de trânsito em Diadema (SP). O agressor era o motorista responsável pela colisão, que se exaltou ao perceber que estava sendo filmado. O homem também xingou a equipe e impediu a continuidade da transmissão.

14 de janeiro – O diretor e âncora da TV Adesso, de Garibaldi (RS), **Daniel Tercílio Carniel**, foi agredido com socos e pontapés ao chegar à sede da emissora. O autor das agressões disse que a violência era pelas “denúncias e mentiras” apresentadas por Carniel na televisão. Com o rosto ensanguentado, o comunicador chegou a aparecer no programa que apresenta para mostrar a situação ao público.

28 de janeiro – O repórter **Iverson Vaz** e o cinegrafista **Elbio Tavares**, da Rede Massa, afiliada do SBT no Paraná, foram atacados por três mulheres alcoolizadas enquanto faziam a cobertura de uma confusão em um bar de Curitiba (PR). Iverson chegou a levar um tapa na cara de uma das mulheres. O repórter ainda foi chamado de “pobre”, xingado e ameaçado, caso a imagem das mulheres fosse veiculada.

1º de fevereiro – Quatro jornalistas foram alvos de ataques durante cobertura de um assassinato no bairro de Águas Claras, em Salvador (BA). O repórter **Tony Júnior** e o cinegrafista **Jefferson Alves**, da Band Bahia, e o repórter **Fábio Gomes** e o cinegrafista **Carlinhos Silva**, da TV Aratu, afiliada do SBT, foram agredidos e expulsos do local por traficantes da região. Alves recebeu coronhadas na cabeça e teve a câmera quebrada pelos bandidos, que chegaram a disparar tiros contra os profissionais da imprensa, mas ninguém foi atingido.

3 de março – Uma equipe da TV Globo foi agredida enquanto gravava uma reportagem sobre a situação da chamada “Feirinha da Madrugada”, no Brás, bairro do centro de São Paulo (SP). Um homem que segurava um cachorro amarrado a uma corrente se aproximou e começou a xingar o jornalista **Renato Biazzi**

CASOS DE VIOLÊNCIA 2022



AGRESSÕES

e o repórter cinematográfico **Ronaldo Souza**, que fazia imagens do local. Logo depois, partiu com a corrente para cima dos dois profissionais, acertando com um golpe a mão de Souza, que precisou de uma cirurgia.

9 de março – Os repórteres **Laura França**, da TV Band Minas, e **Caio Tércia**, da Rádio BandNews FM, foram alvo de bombas de efeito moral lançadas na direção da imprensa durante protesto das forças de segurança mineiras, no centro de Belo Horizonte (MG). Laura França sofreu um trauma auditivo, provocado pela explosão do artefato.

31 de março – Os repórteres **Marcos Valentim**, da Band TV, e **Melck Moreno**, do portal Café com Notícias, foram agredidos com socos e spray de pimenta por integrantes da Guarda Municipal, na Prefeitura de Feira de Santana (BA), quando faziam cobertura jornalística da manifestação de professores que pediam reajuste salarial da categoria.

8 de abril – Jornalistas da Rádio CBN e da RIC TV foram agredidos durante cobertura da manifestação de mães que protestavam contra multas aplicadas a um odontopediatra especializado em atendimento de crianças com deficiência, em Curitiba (PR). Ao tentar gravar a reportagem, o advogado Gelson Arend tomou o celular das mãos da repórter da CBN Curitiba, **Simone Giacometti**, agrediu o repórter da RIC TV **Raphael Augustus** e deu um soco na câmera do cinegrafista **Christopher Spuldaro**, que registrou toda a ação.

10 de maio – O fotógrafo do jornal Correio do Povo, **Mauro Schaefer**, foi agredido com socos durante cobertura da apuração da Série Ouro do Carnaval de Porto Alegre (RS). Integrantes de uma escola de samba discordaram das notas e começaram o tumulto. Schaefer teve o equipamento quebrado. Outro repórter do mesmo jornal, Felipe Bornes Samuel, teve que buscar refúgio em um veículo da Secretaria Municipal de Cultura, enquanto outros jornalistas foram forçados a deixar o local.

12 de maio – A repórter da TV Record, **Jéssica Nascimento**, foi atingida por um tomate durante uma entrada ao vivo, quando fazia uma reportagem sobre o impacto da inflação nos alimentos, na Ceasa de Brasília. O agressor não foi identificado.

16 de maio – O jornalista e youtuber **Alexandre Megale** foi apedrejado no bairro Pinhalzinho dos Góes, em Ouro Fino (MG) pelo vereador Paulo Luiz de Cantuária (MDB). Uma das pedras atingiu a cabeça do profissional. A agressão ocorreu após Megale denunciar o político no canal Sul das Gerais. Megale publicou uma reportagem que abordava a condenação de Cantuária a 16 anos de prisão, em primeira instância, por estupro de vulnerável. O caso corria em segredo de justiça, mas o jornalista teve acesso à decisão.

1º de junho – O repórter da Rádio Sucesso FM, **Waldiney Ferreira**, foi agredido com socos e chutes pelo prefeito de Oriximiná (PA), Willian Fonseca (PRTB), após cobertura da votação do processo de cassação do político, na Câmara Municipal. Fonseca é suspeito de fraude na compra de produtos de uma usina de oxigênio. Ao término da sessão, o jornalista foi surpreendido com as agressões e teve o celular arrancado das mãos por um apoiador do prefeito.

3 de junho – O jornalista **Bruno Lyra**, do site O Convergente, teve o celular arrancado das mãos pelo empresário Élcio Thomazini, durante solenidade do governo capixaba para lançamento de editais para novas obras do Programa Caminhos do Campo. Lyra havia questionado Thomazini, presente no encontro, sobre o desafio de conciliar o crescimento de mercado com loteamentos rurais com a preservação ambiental. Contrariado com a divulgação de matéria sobre irregularidades em parcelamentos de áreas rurais, degradação do solo e danos a fontes de águas e ao ecossistema em Santa Teresa (ES), o empresário ainda tentou intimidar o jornalista.

17 de junho – O repórter **Thiago Gonçalves** e o repórter cinematográfico **Paulo César de Araújo**, do site Imediato, foram vítimas de agressão por parte da delegada do 19º Distrito Integrado de Polícia de Manaus (AM), Marna de Miranda, quando faziam a cobertura de um homicídio. Com a arma na mão, a delegada se aproximou da equipe e mandou que parasse de filmar, sob pena de prisão. Em seguida, deu um tapa no celular, que quebrou ao cair no chão.

3 de julho – **Jornalistas** e **repórteres cinematográficos** foram atingidos por pedras e garrafas de vidro durante a cobertura da 83ª

edição da Festa do Mastro, na cidade de Capela (SE). Os profissionais estavam em cima de um mini trio quando os ataques começaram. Duas pessoas sofreram cortes no rosto e na cabeça.

9 de julho – A fotógrafa do jornal Sul21, **Luiza Castro**, foi atingida por ovos, durante cobertura da Marcha Contra a Fome, a Miséria e o Desemprego, no centro de Porto Alegre (RS). Os ovos foram arremessados do alto de um prédio por apoiadores do então presidente Jair Bolsonaro, causando sérios ferimentos nos manifestantes.

18 de julho – O jornalista da TV Piauí, **Efrém Ribeiro**, foi agredido e ameaçado por dois homens, enquanto cobria um evento do Partido dos Trabalhadores, em Curimatá (PI). Ele gravava a distribuição gratuita de gasolina para a carreata de dois pré-candidatos, quando foi abordado.

23 de julho – O jornalista da TV Piauí, **Efrém Ribeiro**, foi empurrado e jogado no chão por seguranças da então governadora Regina Sousa (PT), enquanto cobria uma convenção partidária no estado (PI). Ribeiro tentava entrevistar a política sobre a determinação federal que suspendia o programa de alfabetização do governo.

28 de julho – Um **repórter cinematográfico** da RIC TV, afiliada da TV Record em Curitiba (PR), foi agredido com uma pedrada, durante cobertura sobre o confronto entre traficantes de drogas e policiais militares, no bairro Parolin, na capital paranaense. Uma das pedras arremessadas por moradores da região também danificou o equipamento do profissional.

31 de julho – A repórter **Pupi Rosenthal**, da Folha de Pernambuco, foi agredida com empurrões e palavras de baixo calão pelo ex-vereador de Petrolina, Cícero Freire, durante cobertura da convenção do partido União Brasil, no Recife (PE). A área reservada à imprensa foi invadida pela militância e, ao tentar se aproximar do palco, Pupi levou cotoveladas e foi chamada de “doída” por Freire.

11 de agosto – A repórter **Ana Beatriz Rodrigues**, do portal Campo Grande News, foi agredida com um tapa por uma funcionária de um ferro velho, durante cobertura de incêndio no

CASOS DE VIOLÊNCIA 2022



AGRESSÕES

local, em Campo Grande (MS). Com a agressão, o celular da repórter, que filmava o incêndio, foi derrubado no chão.

23 de agosto – O vereador Soldado Nailson (Republicanos), de São Sebastião do Passé, na Região Metropolitana de Salvador (BA), tentou agredir o jornalista **César de Carvalho**, da Rede Metropolitana TV, durante sessão realizada na Câmara do município. Nailson arremessou um copo contra Carvalho, após achar que estava sendo gravado pelo jornalista. Ao perceber que o objeto não atingiu Carvalho, Nailson partiu para cima de Carvalho, mas foi contido por pessoas que estavam no local. Carvalho foi ainda xingado de “ridículo” e “p** no c*” pela mulher do vereador.

24 de agosto – O jornalista da TV Piauí, **Efrém Ribeiro**, foi empurrado por populares durante a gravação de um evento político do Partido dos Trabalhadores, no interior do Piauí. Ele também teve o braço imobilizado, o que impediu o uso do microfone. Algumas pessoas ainda tentaram tocar as nádegas do jornalista.

27 de agosto – Um **repórter** da Rádio Itatiaia foi agredido com um soco no estômago por um policial civil, dentro de uma delegacia em Nova Lima, na Região Metropolitana de Belo Horizonte (MG). O jornalista tentava entrevistar o agressor, então candidato a deputado federal e suspeito de assediar uma criança de 13 anos, quando o policial se envolveu numa briga e o jornalista passou a gravar as cenas. Revoltado, o policial tomou o celular usado e entrou na delegacia. Ao buscar o aparelho, o repórter foi agredido.

13 de setembro – **Duas repórteres** de emissoras de Sorocaba (SP) foram agredidas com socos e empurrões durante cobertura jornalística de uma motociata do então presidente e candidato à reeleição, Jair Bolsonaro. Os apoiadores de Bolsonaro também atiraram um chinelo na direção das jornalistas.

21 de setembro – O repórter **Bruno Motta** e o repórter cinematográfico **Alexandre Perassoli**, da TV Centro América, afiliada da TV Globo em Mato Grosso, foram agredidos e ameaçados pelo produtor rural Jorge Meinerz, durante reportagem sobre combate a incêndios, na região de Campinho Verde, em Lucas do Rio Verde (MT). A equipe

gravava imagens da algodoeira de Meinerz, à beira da rodovia, quando ele se aproximou e tomou o celular funcional do repórter. Meinerz chegou a segurar o jornalista pelo colarinho e ainda tentou pegar a câmera da equipe. “Divulga essa imagem para ver o que sobra para vocês”, ameaçou o agressor, que disse ainda, que, se a emissora exibisse as imagens, os “buscaria em casa”.

11 de outubro – O repórter cinematográfico da TV Tribuna, afiliada do SBT, **Alex Nepomuceno**, foi agredido com uma coronhada na cabeça por criminosos, no Complexo da Penha, em Vitória (ES), durante reportagem sobre os desdobramentos de uma ação policial. Os bandidos ainda incendiaram o carro de reportagem.

12 de outubro – Um grupo de apoiadores do então presidente Jair Bolsonaro hostilizou e agrediu com empurrões a repórter **Daniella Lopes** e o cinegrafista **Tales de Andrade**, da TV Vanguarda, afiliada da TV Globo, que trabalhavam na cobertura da visita de Bolsonaro à Basílica de Nossa Senhora Aparecida, em Aparecida (SP). Os profissionais agredidos precisaram ser protegidos por colegas da TV Aparecida, emissora oficial da Igreja Católica.

23 de outubro – O cinegrafista **Rogério de Paula**, da InterTV, afiliada da TV Globo, foi agredido com um soco pelo assessor parlamentar Diogo Rezende, durante cobertura da prisão do ex-deputado federal Roberto Jefferson, em Comendador Levy Gasparian (RJ). Rogério caiu no chão e bateu a cabeça, tendo um princípio de convulsão. A câmera usada pelo profissional também foi quebrada.

31 de outubro – O fotógrafo freelancer **Roberto Gardinalli** e o repórter da Rádio Educadora, de Limeira (SP), **Carlos Gomide**, foram agredidos com socos por manifestantes bolsonaristas que bloqueavam a Rodovia Anhanguera, durante cobertura dos protestos contra o resultado da eleição presidencial.

1º de novembro – O jornalista e diretor da Tribuna de Imprensa, **Ralph Lichotti**, foi agredido por caminhoneiros, enquanto cobria uma manifestação no Rio de Janeiro (RJ). Ele foi cercado pelo grupo, teve o celular tomado e ainda foi ameaçado.

1º de novembro – O repórter **Vitor de Castro** e o cinegrafista **Wesley Mourão**, da TV Candidés, integrada ao Sistema MPA de Comunicação, foram empurrados por apoiadores do então presidente Jair Bolsonaro, durante cobertura dos protestos nas rodovias de Minas Gerais (MG). A equipe acabou expulsa do local. Os manifestantes também xingaram e intimidaram os dois profissionais. No ato, os agressores mandaram que os dois deixassem o país e se mudassem para Venezuela ou para Cuba.

1º de novembro – A repórter da TV Record de Goiás, **Lorena Gomes**, foi agredida por manifestantes bolsonaristas que bloqueavam a BR 060, em Anápolis (GO), em protesto contra o resultado da eleição presidencial e a favor de um golpe militar. Os manifestantes chegaram a puxar o microfone da jornalista para que ela “não pudesse falar”, enquanto outro lançou uma bomba de gás lacrimogênio na direção da jornalista.

2 de novembro – O repórter da Record TV Rio Preto, **Yuri Macri**, e o cinegrafista **Edmilson China** foram agredidos com chutes e pontapés, e tiveram a roupa molhada com água jogada por manifestantes que bloquearam a rodovia Washington Luís, em Mirassol, no interior de São Paulo (SP). As agressões começaram quando Macri estava ao vivo para atualizar as informações de um acidente com um carro que atropelou 17 pessoas no protesto.

2 de novembro – Um **cinegrafista**, um **repórter** e um **auxiliar** da TV Band foram agredidos a socos por um manifestante em Porto Alegre (RS). Eles cobriam o protesto que pedia intervenção das forças militares no processo que elegeu Luiz Inácio Lula da Silva. Além das agressões físicas, os profissionais tiveram os equipamentos de gravação quebrados.

2 de novembro – O repórter **Diogo Meira**, do grupo Rádio Cidade/Jovem Pan de Araxá (MG), foi agredido por um caminhoneiro durante manifestação em defesa do então presidente Jair Bolsonaro. Meira foi confundido com um apoiador do PT, já que vestia uma camiseta vermelha da emissora. Durante a confusão, o agressor chegou a tirar parte da roupa do repórter.

CASOS DE VIOLÊNCIA 2022



AGRESSÕES

2 de novembro – A repórter **Deborah Evangelista** e o repórter cinematográfico **Ivanclley Carneiro de Deus**, da CATVE Comunicação, foram empurrados e hostilizados quando se preparavam para uma entrada ao vivo sobre a ação dos manifestantes bolsonaristas em frente ao 33º Batalhão de Infantaria Mecanizado de Cascavel (PR). Os manifestantes ainda atingiram o equipamento de reportagem. Policiais militares presentes no local nada fizeram para garantir a segurança da equipe.

2 de novembro – O repórter **Matheus Goulart** e o cinegrafista **Rogério Aguiar**, da Band TV, além de um **auxiliar**, foram agredidos com socos e empurrões, durante cobertura de manifestantes bolsonaristas contra o resultado da eleição presidencial e a favor de um golpe militar, nas proximidades do Comando da 3ª Região Militar, em Porto Alegre (RS). Um homem vestindo uma camiseta do então presidente Jair Bolsonaro atingiu a nuca de Rogério e o rosto do auxiliar, que caiu no chão, danificando os equipamentos da emissora.

2 de novembro – O repórter da TV Thati, afiliada da TV Record, **Anderson Henrique**, foi agredido por manifestantes bolsonaristas, que cercaram e ameaçaram a equipe, enquanto tentava fazer uma transmissão ao vivo, em Campinas (SP), sobre os protestos antidemocráticos contra o resultado da eleição presidencial. O jornalista pediu ajuda ao vivo para poder continuar a transmissão.

4 de novembro – O repórter **André Felipe** e o cinegrafista **Ruan Gabriel**, da Rede Amazônica Rondônia, afiliada da Globo, foram ameaçados e atacados, durante cobertura jornalística em um bloqueio na estrada do Belmont, em Porto Velho (RO), por manifestantes bolsonaristas que não aceitaram o resultado da eleição presidencial e pediam intervenção federal. Quando a equipe se dirigia ao carro de reportagem, um grupo de aproximadamente 10 homens cercou o veículo e um deles chutou violentamente a porta. A câmera usada pela equipe foi danificada.

7 de novembro – O jornalista **Chico Lourenço**, do Jornal da Morada, de Araraquara (SP), foi agredido por integrantes da equipe de futebol do Ferroviária S/A, enquanto registrava o atendimento de emergência recebido por uma atleta do time feminino. A jogadora passou mal durante o treino e morreu. Lourenço foi cercado e agredido com empurrões. O jornalista ainda teve o celular tomado e imagens e vídeos apagados.

15 de novembro – Uma equipe de reportagem do Jornal O Liberal foi agredida, hostilizada e ameaçada enquanto cobria um ato na Avenida Almirante Barrosos, em Belém (PA). O repórter **Fabrizio Queiroz** e o repórter fotográfico **Thiago Gomes** levaram socos e chutes e precisaram ser escoltados pela Polícia Militar. Duas mulheres tentaram impedir as gravações e chamaram a atenção de um grupo que cercou os profissionais.

17 de novembro – O repórter da TV Globo, **Erick Rianelli**, foi agredido pela defensora pública aposentada Cláudia Alvarim Barrozo, durante cobertura de uma audiência no Fórum Criminal de Niterói (RJ). A agressora era ré em um processo por injúria racial contra dois entregadores e atingiu Rianelli no rosto ao dar um tapa no celular que ele usava para filmá-la. Além do ferimento no nariz, Rianelli teve os óculos danificados.

24 de novembro – Os jornalistas **Eduardo Leandro** e **Rafael Silva**, da TV Maringá/Band foram agredidos enquanto cobriam um ato que ocorria em frente ao tiro de guerra de Maringá (PR). A equipe também foi ameaçada e obrigada a deixar o local.

26 de novembro – Um **repórter** e uma **repórter cinematográfica** do UOL Notícias foram cercados e agredidos por manifestantes enquanto faziam uma reportagem no acampamento montado por apoiadores do então presidente Jair Bolsonaro em Resende (RJ). A cinegrafista também teve o celular arrancado das mãos e acabou sendo atingida em um dos dedos da mão esquerda. A equipe precisou ser escoltada até o carro da reportagem.

30 de dezembro – O repórter **Nelson Garrone**, da CNN de Portugal, foi derrubado no chão após ser agredido com chutes e pedradas por apoiadores do então presidente Jair Bolsonaro, durante tentativa de entrevista em um acampamento em Brasília (DF). Ele e o **cinegrafista** foram expulsos do local sob ameaças de novas agressões. Os apoiadores do ex-presidente ainda rasgaram dois pneus do carro de reportagem.

30 de dezembro – O jornalista das rádios Ampére AM e Interativa FM, **Júlio Cesar Alves**, foi agredido com socos, chutes e joelhadas por um homem que, em 2019, foi processado por Alves por utilizar seus textos e fotos sem a devida autorização. O agressor abordou o jornalista na saída de um estabelecimento comercial e o questionou sobre a ação judicial. Em seguida, começaram as agressões verbais e físicas. Alves teve ainda os óculos quebrados pelo agressor.



AMEAÇAS

11 de janeiro – O jornalista e editor-executivo do The Intercept Brasil, **Leandro Demori**, foi ameaçado de morte por um homem em Balneário Camboriú, no litoral de Santa Catarina (SC). Demori saía de um comércio quando um homem o seguiu, tocou o ombro do jornalista e disse: “se liga que a vida do teu filho depende de ti”. Desde 2019, o jornalista anda com seguranças, após publicação da série de reportagens da “Vaza Jato”, coordenada por ele e com repercussão internacional.

13 de março – O jornalista esportivo do site UOL, **Vitor Guedes**, sofreu ameaças e intimidações na internet por parte de um cozinheiro, torcedor do São Paulo, que discordava dos comentários e análises do jornalista sobre futebol. Nas mensagens, o cozinheiro disse que “uma hora sua casa cai”, “você é mais acessível do que você imagina” e, por fim: “fica esperto que o mundo dá voltas, a volta é muito grande e você vai cair. É apenas um aviso”.

7 de maio – O colunista do UOL, **Jamil Chade**, foi ameaçado de morte nas redes sociais, após publicar comentário em sua coluna sobre o ódio como instrumento político nas eleições. Em um dos ataques, o autor da ameaça diz esperar vê-lo em uma “geladeira do IML” (Instituto Médico Legal).

31 de maio – O jornalista e videorepórter freelancer **Caio Castor** foi ameaçado por moradores do bairro onde vive com a família, em São Paulo (SP), após divulgar imagens de agentes da Guarda Civil Metropolitana (GCM) agredindo uma mulher em situação de rua na Cracolândia. Postado nas redes sociais do jornalista, o vídeo foi compartilhado pelo padre Júlio Lancellotti e acabou exibido em diferentes telejornais e portais de notícias. Além das ameaças enviadas pelas redes sociais, 15 pessoas foram à portaria do prédio de Castor e disseram que invadiriam o apartamento do jornalista. Ele e a família tiveram que se mudar do local.

4 de junho – O repórter **Lucas Neiva** e a editora **Vanessa Lippelt**, do site Congresso em Foco, foram alvo de ameaças de morte e tiveram os dados pessoais vazados após publicação de matéria com denúncias de um fórum virtual,

o “1500chan”, que incentivava a produção de fake news em favor do então presidente Jair Bolsonaro. De acordo com a reportagem, o domínio também continha anúncios de usuários que ofereciam pagamentos com recursos próprios, em criptomoeda, em troca da criação de conteúdo eleitoral em favor de Bolsonaro que viralizasse na internet.

21 de julho – A repórter **Daniela Carla**, da TV Gazeta, afiliada da TV Globo no Espírito Santo, foi ameaçada, ao vivo, por um homem armado que se aproximou da equipe de reportagem durante o programa matinal da emissora. A jornalista falava sobre a violência no Morro do Cabral (ES) e os tiroteios que os moradores estavam presenciando, quando o homem, supostamente envolvido com o tráfico de drogas na região, fez a ameaça com a arma em punho.

11 de agosto – Pelo menos **dois jornalistas** foram ameaçados e hostilizados pelos donos de um ferro velho durante apuração sobre as causas do incêndio no local, em Campo Grande (MS). Os profissionais tiveram o trabalho interrompido.

7 de setembro – A repórter da TV Cultura, **Aline Porcina**, foi ameaçada durante cobertura das manifestações do Dia da Independência, na Avenida Paulista, centro de São Paulo (SP). Um dos manifestantes esperou a equipe se afastar da repórter e, ao se aproximar de Aline, começou a intimidá-la, afirmando que “um repórter ficou com o olho roxo em Brasília”.

4 de outubro – Um **repórter** e um **cinematista** da TV Globo e um **repórter** e um **fotógrafo** da Sputnik Brasil foram cercados, ameaçados e hostilizados por apoiadores do então presidente Jair Bolsonaro, após a saída da comitiva presidencial da reunião de pastores na Assembleia de Deus do Brás, em São Paulo (SP). Ao deixarem o templo, dezenas de bolsonaristas passaram a gritar e xingar os profissionais. No percurso de volta, os jornalistas foram perseguidos por um grupo e houve correria. A equipe da Rede Globo precisou se abrigar em um estacionamento a duas quadras do local do culto.

5 de outubro – O repórter da TV Globo, **Valmir Salaro**, foi ameaçado de morte pelo empresário Thiago Brennand, após revelar denúncias de

abuso e agressão contra Brennand. A reportagem mostrava imagens de uma câmera de segurança de uma academia em São Paulo (SP) que flagraram o momento em que o empresário agredia a modelo Helena Gomes. Com a denúncia, outras mulheres revelaram ter sido vítimas de Brennand.

23 de outubro – **Jornalistas** que cobriam a prisão do ex-deputado federal Roberto Jefferson foram ameaçados e hostilizados por apoiadores do parlamentar, na porta da casa dele, em Comendador Levy Gasparian (RJ). Os agressores exigiam que os fotógrafos e profissionais de rádio e TV desligassem as câmeras para não registrarem o momento da prisão.

27 de outubro – O jornalista **Thiago Domenici**, diretor e editor da Agência Pública, foi alvo de ameaças de violência física e ofensas após publicar reportagem com denúncias sobre o uso de grupos no Telegram para a prática de crimes. O texto analisa gravações nas quais o bolsonarista Jackson Villar da Silva propõe uma espécie de “eleição paralela”, dizendo que vai provar “fraude nas urnas”. Uma ação orquestrada tentou derrubar os perfis da Agência Pública nas redes sociais. “Vai ver um cara desse se encontrar comigo pessoalmente, pra ver se ele é esse cabra mesmo, mostrar pra ele como é que se dá uma pisa num cabra safado. Tava com medo, né? Vai engolir seu celular, seu vagabundo. Como tem gente sem vergonha, rapaz”, disse Villar sobre Domenici.

31 de outubro – O repórter **Aroldo Tavares** e o cinematista **Higor Virgilato**, da TV Allamanda, afiliada do SBT, foram ameaçados e hostilizados durante cobertura do bloqueio da BR-364, em Cacoal (RO), promovido por manifestantes bolsonaristas que protestavam contra o resultado da eleição presidencial e defendiam um golpe militar. “Vamos linchar ele!” e “repórter petista” foram algumas das expressões utilizadas pelo grupo.

1º de novembro – O repórter **Stêvão Limana** e o cinematista **Lucas Fernandes**, da NDTV de Blumenau (SC), foram hostilizados e ameaçados, durante uma transmissão ao vivo, por manifestantes bolsonaristas que não aceitaram o resultado da eleição presidencial e protestavam

CASOS DE VIOLÊNCIA 2022



AMEAÇAS

na BR-470, em Santa Catarina. Os apoiadores do então presidente Jair Bolsonaro exigiam que a equipe interrompesse a reportagem imediatamente. Aos gritos de “Apaga o vídeo, apaga tudo aí agora”, “Acabou a reportagem” e “Nós vamos quebrar a câmera”, os manifestantes cercaram a equipe, tentando impedir a continuidade da transmissão.

7 de novembro – O repórter **Pedro Pessoa** e o cinegrafista **Jorge Quemel**, da TV Record, foram ameaçados e hostilizados por manifestantes bolsonaristas, que estavam acampados em frente ao 2º Batalhão de Infantaria de Selva (BIS), em Belém (PA), em protesto contra o resultado da eleição presidencial. Um grupo cercou e xingou os jornalistas, que, diante das ameaças, tiveram que deixar o local.

11 de novembro – Um **jornalista** e um **repórter fotográfico** do Correio Braziliense foram intimidados e ameaçados por manifestantes bolsonaristas que protestavam contra o resultado das eleições para presidente, em frente ao Quartel General do Exército, em Brasília. Os profissionais registravam a saída de parte dos caminhoneiros que estacionaram os veículos na região, quando foram cercados e hostilizados. Diante das ameaças, tiveram que deixar o local.

18 de novembro – O repórter da TV Centro Oeste, afiliada do SBT em Mato Grosso, **Gabriell Moreira**, foi ameaçado por manifestantes que bloqueavam a BR-174, na altura do município Pontes e Lacerda, quando fazia cobertura ao vivo dos atos antidemocráticos pelo Instagram da emissora. Ao se aproximar de uma barreira de pneus queimados, Gabriell foi abordado por um dos manifestantes, que disse: “Não pode filmar. Se não, vai ter problema com todo mundo. E tem gente muito pior que eu. Mandaram eu chegar na voadora aqui em você”.

21 de novembro – A jornalista **Deisy Boroviec** foi ameaçada de morte no Facebook por um eleitor do ex-presidente Jair Bolsonaro. O homem acusou a jornalista, que também é servidora na Assembleia Legislativa em Cuiabá (MT), de publicar “fake news” desfavoráveis ao “capitão”. Na ameaça, o homem escreveu: “A tua batata está assando, mocreia petista. O meu grupo aí em Cuiabá já sabe onde você trabalha e o teu

horário. Toma cuidado que acidentes e roubos toda hora acontecem. Onde você mora sempre olhe para os dois lados da rua! Quer continuar difamando o presidente Bolsonaro, vaza então para Bahia, ou Ceará, que é lugar de vagabundos, socialista metida a intelectual”.

12 de dezembro – **Equipes de jornalismo** foram ameaçadas e hostilizadas durante cobertura dos atos de vandalismo que tomaram conta do centro de Brasília, no protesto contra a prisão do indígena José Acácio Tserere Xavante, apoiador do então presidente Jair Bolsonaro e investigado por atos antidemocráticos. Alguns jornalistas tiveram que buscar abrigo em prédios comerciais para dar continuidade à apuração.



INJÚRIA

1º de julho – A colunista do Jornal DIA, **Renata Cristiane de Oliveira**, foi alvo de ataque racista em São Pedro da Aldeia (RJ). Em uma parada de ônibus em frente ao Pronto Socorro da cidade, dois cartazes diziam: “Renata Cristiane. Repórter Macaca”. Uma seguidora da jornalista nas redes sociais avisou Renata sobre o ocorrido.

2 de novembro – O locutor da Rádio Metrôpoles, **Alex Soares**, foi vítima de ofensas racistas nas proximidades do Quartel-General do Exército, em Brasília, quando fotografava a manifestação antidemocrática que pedia intervenção militar e anulação da eleição presidencial que deu a vitória a Luiz Inácio Lula da Silva. Alex foi cercado por manifestantes, que ainda atiraram garrafas em direção ao carro dele.

10 de novembro – O apresentador da TV Globo em Brasília (DF), **Fred Ferreira**, foi chamado de “preto desgraçado” nas redes sociais. O jornalista registrou boletim de ocorrência e um inquérito foi aberto para apurar os crimes de calúnia e injúria racial.



ATAQUES/VANDALISMO

19 de maio – Um carro de reportagem da **TV Tambaú**, afiliada do SBT na Paraíba, foi atingido por pedras em João Pessoa (PB), durante cobertura de uma operação que resultou na prisão de um suspeito de crimes. Revoltado com a prisão, um grupo apedrejou o vidro traseiro do veículo. Ninguém ficou ferido.

9 de agosto – Torcedores do Londrina, time de futebol paranaense, arremessaram objetos contra a cabine de transmissão da **Rádio Itatiaia** durante cobertura do jogo entre a equipe da cidade e o Cruzeiro, onde estavam o narrador Osvaldo Reis Pequetito e o operador Flávio Cândido. O ataque ocorreu no Estádio do Café, em Londrina (PR), após os narradores elogiarem o gol do Cruzeiro. Ninguém ficou ferido.

11 de outubro – Um carro de reportagem da **TV Tribuna**, afiliada do SBT no Espírito Santo, foi incendiado durante cobertura de um confronto entre policiais militares e traficantes, em Vitória (ES).

12 de novembro – A sede do **Jornal Rondoniavivo**, em Porto Velho (RO), teve a fachada, portas e janelas atingidas por tiros. Câmeras de segurança registraram o momento em que um homem se aproxima do prédio e dispara várias vezes. O jornal vinha recebendo ameaças por chamar de atos antidemocráticos as manifestações de bolsonaristas contra o resultado da eleição presidencial e a favor de um golpe militar.

24 de novembro – A sede da **Rádio Nova FM**, em Porto Velho (RO), foi incendiada e ficou completamente destruída. Ao chegar para trabalhar, o dono da emissora, Genilson José Alencar, encontrou uma pedra usada para quebrar a porta e combustível no local. A suspeita é a de que o crime tenha motivação política.



OFENSAS

4 de fevereiro – O repórter **Leonardo Chaves** e o cinegrafista **Denis Brazzil**, da TV Amazônia, afiliada da Record, e o repórter **Marcio Alves**, do Portal Pebas Notícias, foram ofendidos e constrangidos pelo investigador de Polícia Civil da Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher (Deam) de Parauapebas (PA), Marcos Alves Andrino, durante reportagem sobre uma criança com ferimentos de arma branca. No mesmo momento, agentes da Guarda Municipal apresentaram um suspeito de cometer estupros em série. Ao perguntar sobre a nova ocorrência, Andrino saiu da sala e, bastante alterado, afirmou que os repórteres são “craques em divulgar mentiras, são craques nisso”. Nenhum dos jornalistas produziu matérias sobre o caso do estupro.

7 de abril – O repórter **Diego Silva** e o cinegrafista **Gleison Nascimento**, da TV Princesa, afiliada da TV Gazeta, e o comunicador **Rosinaldo Júnior**, do Blog do Pião, foram xingados e intimidados por policiais militares, durante cobertura sobre a prisão de um suspeito de esfaqueamento em Santarém (PA). No momento da condução do suspeito para a viatura, um policial militar gritou palavras de baixo calão contra os profissionais da imprensa.

2 de junho – O repórter do site O Diário, **Arlindo Júnior**, foi xingado de “vagabundo”, “sem caráter”, “vendido”, “pilantra” e “lixo”, pelo vereador de Araruama (RJ), Márcio Ricardo de Oliveira Silva (MDB), o Oliveira da Guarda, durante pronunciamento da tribuna da Câmara Municipal. Em cinco minutos de agressões verbais, o político disse que Arlindo “deveria lavar a boca para falar dele”.

13 de agosto – O comentarista da Rádio Jovem Pan, **Fábio Piperno**, foi chamado de “cara de bunda” pelo então presidente Jair Bolsonaro, durante entrevista a um canal do YouTube. Bolsonaro ainda se referiu ao jornalista como “esse porcaria”, ao afirmar que não sabia o que o profissional fazia na emissora.

18 de agosto – O colunista do portal Metrôpoles, **Guilherme Amado**, teve o trabalho desqualificado pelo então presidente e candidato à reeleição, Jair Bolsonaro, durante campanha em São José dos Campos (SP). “Esse cara é o fim do mundo. É uma fábrica de fake news”, disse Bolsonaro.

25 de agosto – O então ministro das Comunicações, Fábio Faria, chamou o apresentador da TV Globo, **Willian Bonner**, de “tchutchuca do PT”, após entrevista feita com o então candidato à presidência da República, Luiz Inácio Lula da Silva. Pelas redes sociais, Faria ainda disse que “só falta agora o Lula tirar o Alckmin e colocar a Globo de vice”.

28 de agosto – Durante debate da Band com os candidatos à presidência da República, o então presidente Jair Bolsonaro ofendeu a jornalista da TV Cultura, **Vera Magalhães**, com ataques inclusive sexistas. “Acho que você dorme pensando em mim. Você tem alguma paixão por mim. Não pode tomar partido num debate como esse. Fazer acusações mentirosas a meu respeito. Você é uma vergonha para o jornalismo brasileiro”, disse Bolsonaro.

6 de setembro – A comentarista da Rádio Jovem Pan, **Amanda Klein**, foi atacada pelo então presidente e candidato à reeleição, Jair Bolsonaro, com referência à vida pessoal da jornalista, durante entrevista à emissora. Após ouvir uma pergunta de Klein sobre supostos casos de corrupção envolvendo a família presidencial, Bolsonaro disse: “Amanda, você é casada com uma pessoa que vota em mim. Não sei como é que é seu convívio na sua casa com ele, mas eu não tenho nada a ver com isso”. E continuou: “Amanda, respeitadamente, essa acusação tua é leviana. É leviana, tá?”

7 de setembro – Um cartaz foi exibido na Praia de Copacabana, no Rio de Janeiro (RJ), com a foto da jornalista da TV Cultura, **Vera Magalhães**, e a frase “Você é uma vergonha para o jornalismo brasileiro”, repetida várias vezes por apoiadores do então presidente Jair Bolsonaro, autor da ofensa. O cartaz estava em um carro que acompanhava manifestantes que defendiam pautas antidemocráticas.

13 de setembro – A jornalista da TV Cultura, **Vera Magalhães**, foi ofendida pelo então deputado estadual e candidato a deputado federal Douglas Garcia (Republicanos), durante debate político em São Paulo (SP). Ele repetiu ofensa proferida pelo então presidente Jair Bolsonaro, afirmando que ela “é uma vergonha para o jornalismo” e citando dados falsos do contrato de trabalho da jornalista. Após o episódio, Garcia foi expulso do local.

15 de setembro – A então ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damares Alves, atacou a jornalista **Vera Magalhães** durante entrevista à Rádio Band News, repetindo frase utilizada pelo ex-presidente Jair Bolsonaro. “A Vera é realmente uma vergonha para o jornalismo”, disse Damares, acusando falsamente a jornalista de ter debochado do estupro sofrido pela ex-ministra quando criança. Em participação na Jovem Pan, Vera Magalhães ironizou o fato de Damares ter afirmado, em 2018, que teve uma visão de Jesus Cristo em um pé de goiaba.

19 de setembro – Durante viagem a Londres (Inglaterra) para o funeral da rainha Elizabeth II, o então presidente Jair Bolsonaro chamou de “canalhice” e “covardia” a reportagem do **portal UOL** que revelou que ele e sua família compraram 51 imóveis com dinheiro vivo nas últimas décadas.

21 de setembro – O repórter do jornal O Estado de S. Paulo, **Pedro Venceslau**, foi atacado pelo então candidato a presidente, Ciro Gomes (PDT-CE), durante sabatina promovida pelo Estadão e Fundação Armando Álvares Penteado (FFAP). Ao ser questionado se iria para Paris em um eventual segundo turno entre Lula e Bolsonaro, como em 2018, Ciro insinuou que o PT havia intoxicado a cabeça do jornalista.

22 de setembro – Em entrevista a um podcast, o então candidato a presidente, Ciro Gomes (PDT-CE), acusou o repórter do jornal O Estado de S. Paulo, **Pedro Venceslau**, de ter feito “um trabalho sujo a serviço do gabinete do ódio de Lula” e disse que, se ele fosse editor do jornal, demitiria o profissional.

2 de outubro – Logo após votar na Escola Municipal Rosa da Fonseca, no Rio de Janeiro, o então presidente e candidato à reeleição, Jair Bolsonaro, ficou irritado com a pergunta do jornalista argentino **Diego Iglesias**, da emissora C5N, de Buenos Aires, sobre a aceitação do resultado das eleições, e respondeu de forma ofensiva. “Vai falar do teu país, cara”, disse Bolsonaro ao jornalista, sem responder a outras perguntas de Iglesias. O questionamento do jornalista fazia referência às investidas de Bolsonaro contra o sistema eleitoral brasileiro e a credibilidade das urnas, que repercutiram no noticiário internacional.

CASOS DE VIOLÊNCIA 2022



OFENSAS

13 de outubro – Um **repórter** e um **cinegrafista** da TV Globo, um **repórter** do Jornal do Commercio e **outro** da Folha de Pernambuco foram xingados por apoiadores do então presidente e candidato à reeleição, Jair Bolsonaro, durante visita ao Recife (PE). As agressões verbais começaram enquanto as equipes registravam imagens das imediações do hotel por onde Bolsonaro passaria. “A gente não é marginal, vocês são imprensa marrom, safada, vocês não dão valor ao que o cara (Bolsonaro) fala”, disse um dos manifestantes. Outros apoiadores bolsonaristas gritavam: “Vocês são a favor de corrupto, de bandido” e “Globo lixo”.

27 de outubro – O repórter do site Radar Amazônico, **Adriano Santos**, foi chamado pelo prefeito de Manaus (AM), David Almeida (Avante), de “jornalista de bodó”, “teleguiado” e “jornalista de lama”, durante entrevista coletiva convocada pelo político para rebater relatório que o acusa de fazer acordo com traficantes na eleição de 2020. Contrariado com a pergunta formulada pelo jornalista, o prefeito acusou Adriano de defender o senador Eduardo Braga (MDB/AM), então candidato ao governo do Amazonas, nas matérias sobre eleições e disse que “nós vamos banir vocês”.

31 de outubro – O repórter da CNN Portugal, **Pedro Vieira**, foi hostilizado por eleitores bolsonaristas ao repercutir, ao vivo, a derrota de Jair Bolsonaro nas urnas. Um dos entrevistados disse que “Essa TV não vale nada”. “Vocês fazem parte dessa fraude”, gritou outro. Um homem e uma mulher, com o dedo em riste, gritaram que o repórter também era responsável pelo que estava acontecendo. Vieira tentou finalizar o raciocínio, sem sucesso. “Estamos sendo completamente insultados”, disse ele, antes de voltar para os estúdios.

1º de novembro – O repórter do jornal O Município Blumenau, **Jotaan Silva**, foi xingado de “sem vergonha”, “mentiroso”, “comprado” e “covarde” por um manifestante bolsonarista, durante transmissão ao vivo da ação da Polícia Militar para desmobilizar um protesto contra o resultado da eleição presidencial e que bloqueava uma rua da cidade.

2 de novembro – O repórter **Fernando Moreno**, o cinegrafista **João Páscoa** e o motorista **Alessandro Macedo**, da TV Vila Real, foram xingados de “canalhas”, “mau-caráter” e “petistas vagabundos e desgraçados” por manifestantes bolsonaristas que protestavam contra o resultado da eleição presidencial e a favor de um golpe militar, na porta da 13ª Brigada, em Cuiabá (MT). A equipe teve que deixar o local. Quando já estava no carro da reportagem, um grupo cercou, balançou o veículo, e danificou o teto e o para-brisa.

2 de novembro – Os jornalistas **Mikaela Ramos** (portal g1), **Rayanna Musinho** (TV Antena 10), **Sthefany Negreiros** (Portal Viagora) e **Eliézer Rodrigues** (TV O Dia) foram cercados e xingados de “vagabundos” por um grupo de mulheres bolsonaristas, em frente ao 25º Batalhão da Caçadores, em Teresina (PI). Uma das manifestantes usou um megafone para dizer que a imprensa era culpada por tudo de ruim que estava acontecendo no Brasil.

7 de novembro – A repórter **Eliane Ferreira de Souza**, o cinegrafista **Clayton Bernardi** e o auxiliar **Airton Cavalheiro Leite** (SBT), o repórter **Marcos Rodrigues Tenório Cavalcante** e o fotógrafo **Alex Machado** (Campo Grande News), o repórter **Antonio Bispo** e o fotógrafo **Marco Codignola** (TopMídiaNews), e **profissionais** da TV Guanandi, afiliada da Band, foram xingados e hostilizados por manifestantes bolsonaristas que protestavam contra o resultado da eleição presidencial e pediam intervenção militar, durante cobertura dos atos antidemocráticos, em frente ao Comando Militar do Oeste (CMO), em Campo Grande (MS).

7 de novembro – A repórter da TV Record, **Pollyana Gomes**, e o **cinegrafista** que a acompanhava foram xingados por manifestantes bolsonaristas que participavam de atos antidemocráticos em Belém (PA). A equipe se preparava para uma entrada ao vivo quando os mesmos manifestantes intimidavam estudantes de uma escola pública que fica ao lado do 2º Batalhão de Infantaria de Selva do Exército (BIS). Dois homens começaram a instigar os outros manifestantes contra os jornalistas, com xingamentos como “Record bosta”, atrapalharam as imagens, colocando placas na frente da câmera, e ameaçaram tomar o equipamento várias vezes.

10 de novembro – A jornalista da TV A Crítica, de Manaus (AM), **Mayara Rocha**, foi xingada de “p**ta” e “machuda” por um manifestante bolsonarista que protestava contra o resultado da eleição presidencial, em frente ao Comando Militar da Amazônia (CMA). O homem ainda chutou o carro de reportagem da emissora.

15 de novembro – **Uma equipe** da Rádio Jovem Pan foi chamada de “mentirosa” e hostilizada por manifestantes bolsonaristas durante reportagem no acampamento montado em frente ao Quartel-General do Exército, em Brasília. Durante transmissão ao vivo, um grupo cercou o repórter, vaiou a equipe e disse que ele deveria falar a verdade. Um dos manifestantes gritou: “Vergonha o repórter da Jovem Pan!”

17 de novembro – **Profissionais de imprensa** foram ofendidos com palavras de baixo calão, durante cobertura de uma audiência no Fórum Criminal de Niterói (RJ), que julgava o caso envolvendo a defensora pública aposentada Cláudia Alvarim Barrozo, denunciada em um processo por injúria racial contra dois entregadores. A filha dela, Ana Cláudia, autora das ofensas, ainda se jogou no chão e derrubou uma placa na saída do fórum.

22 de novembro – **Jornalistas** que aguardavam o pronunciamento do presidente do PL, Valdemar Costa Neto, sobre as urnas eletrônicas, foram xingados e hostilizados por apoiadores do então presidente Jair Bolsonaro. O grupo pressionava para entrar na sala da coletiva de imprensa, em Brasília.

30 de novembro – A colunista do portal NSC Total, **Dagmara Spautz**, foi alvo de ataques misóginos e sexistas por parte do deputado estadual Jessé Lopes (PL-SC), em discurso na tribuna da Assembleia Legislativa de Santa Catarina. Ao contestar artigo publicado pela jornalista sobre interações do perfil oficial da Polícia Militar Rodoviária em rede social com postagens do então vice-presidente Hamilton Mourão, o político desqualificou o trabalho da repórter e fez insinuação sexual da expressão “ovo da serpente”, utilizado por Spautz. Jessé disse que a jornalista precisava de “uma serpente com ovo”.



INTIMIDAÇÕES

21 de fevereiro – O repórter do portal G1, **André Junqueira**, foi intimidado e xingado por policiais militares e bombeiros durante uma manifestação em Belo Horizonte (MG). Junqueira tentava cobrir a greve das categorias, que exigiam reajuste salarial, quando foi expulso do local aos gritos de “vai cobrir p* nenhuma”.

21 de fevereiro – Durante protesto de pequenas operadoras da Internet, em frente à Arena Castelão, em Fortaleza (CE), o então deputado estadual Delegado Cavalcante (PL) foi flagrado instigando os manifestantes a intimidar profissionais da **imprensa** que estavam realizando cobertura jornalística. O político pediu para “irem para cima” dos profissionais da TV Verdes Mares, afiliada da Globo no Ceará, e gritarem “Globo bosta”, enquanto apontava para os jornalistas presentes.

25 de fevereiro – A repórter do SBT, **Branca Andrade**, foi intimidada por dois homens sem identificação enquanto cobria, ao vivo, a greve dos motoristas no terminal Alvorada do BRT, na Barra da Tijuca (RJ). Um dos homens tentou impedir o trabalho da jornalista ao cercar a repórter e andar na frente da câmera. O outro pisou no cabo de áudio de Andrade, que ficou sem o retorno do estúdio.

28 de março – Os repórteres da ONG Repórter Brasil, **Daniel Camargos** e **Fernando Martinho**, foram intimidados por policiais armados com fuzis, enquanto aguardavam resposta a um pedido de entrevista na sede da mineradora inglesa Brazil Iron, em Piatã (BA). Os jornalistas apuravam suspeitas de infrações trabalhistas e ambientais na empresa, quando foram surpreendidos pelos policiais, que disseram estar ali a mando da mineradora, após denúncias de que a equipe teria invadido o local em dias anteriores. A empresa também havia solicitado a apreensão das imagens produzidas pela reportagem. Conduzidos a uma delegacia, as denúncias não se confirmaram e os dois foram liberados.

12 de abril – Um **repórter fotográfico** de A Gazeta foi intimidado por um homem e obrigado a apagar fotos feitas em um dos postos interditados pela Polícia Federal durante Operação Naftalina, em Cariacica (ES). O local havia sido interditado sob a suspeita de vender gasolina batizada com nafta, um subproduto do petróleo.

30 de junho – Um **jornalista** da Agência Pública foi intimidado por um militar enquanto cobria um encontro entre parlamentares do Congresso Nacional com indígenas em Atalaia do Norte (AM). O repórter teve a tela do computador pessoal fotografada sem autorização logo após fazer um questionamento sobre as críticas e denúncias feitas por lideranças indígenas do Vale do Javari. As fotografias foram tiradas pelas costas do jornalista, quando ele acompanhava e transcrevia os discursos dos parlamentares na sede da Univaja, principal entidade indígena da região.

7 de setembro – O repórter **Gabriel Landim** e o cinegrafista **Humberto Campos**, da TV Integração, foram hostilizados por um apoiador do então presidente Jair Bolsonaro, durante cobertura jornalística da Festa Alemã, em Juiz de Fora (MG). O homem, que usava adesivos de campanha de um candidato bolsonarista, ainda tentou impedir a realização da reportagem. A polícia foi chamada e garantiu a continuidade da matéria.

12 de outubro – A repórter da TV Aparecida, **Camila Morais**, foi intimidada e hostilizada, na Praça da Basílica, em Aparecida (SP), ao passar por um grupo de pessoas que vestia camiseta com a imagem do então presidente Jair Bolsonaro. Uma mulher se dirigiu à repórter, que vestia uma blusa vermelha, disse que a profissional estava ali para “provocar” e a chamou de “comunista”. A mulher tentou impedir Camila de entrar ao vivo. Para prosseguir com o trabalho, a equipe mudou de local para fazer a transmissão.

17 de outubro – O repórter cinematográfico da Jovem Pan, **Marcos Andrade**, foi intimidado por integrantes da campanha do então candidato ao governo de São Paulo, Tarcísio

de Freitas (Republicanos), ao fazer um vídeo do tiroteio que interrompeu o evento da campanha na favela Paraisópolis, em São Paulo (SP), e deixou um morto. Andrade foi o único a gravar imagens nítidas do confronto. Ao saber que o vídeo mostrava um agente de segurança disparando tiros, um integrante da campanha pressionou o jornalista a apagar as imagens. “Tem que apagar essa imagem. Não pode divulgar isso, não”, diz o funcionário na gravação.

27 de outubro – A jornalista da RBS, **Rosane de Oliveira**, foi hostilizada pelo então candidato ao governo gaúcho, Onyx Lorenzoni (PL), durante debate entre os postulantes ao governo do Rio Grande do Sul, promovido pela emissora. Em uma das respostas ao então candidato à reeleição Eduardo Leite (PSDB) sobre a política de controle da pandemia, Lorenzoni atacou a jornalista: “... acho que tem uma profissional dessa casa, que também deve desculpas ao povo gaúcho, que é a Rosane de Oliveira, que lhe apoiou, dizendo que ‘tinha que ficar em casa, mesmo’, que o ‘fecha tudo’ estava correto”. Em outro momento, Lorenzoni voltou a falar contra a jornalista ao criticar a política de enfrentamento à pandemia da gestão Leite. “O senhor, que destruiu o emprego de 500 mil gaúchos, com aquela política equivocada do senhor Pedro Halal, lá de Pelotas, que é um pseudo-cientista. Um homem que só tem um objetivo na vida: destruir o presidente Bolsonaro. E que, lamentavelmente, o senhor e a senhora Rosane de Oliveira o promoveram”, disse.

31 de outubro – A jornalista **Cristine Kempf**, do site AquiAgora.net, fazia uma transmissão ao vivo sobre as manifestações bolsonaristas na BR 163, em Marechal Cândido Rondon (PR), quando foi abordada pela então candidata à Câmara Federal, Tania Maion, que disse: “PT aqui não. Oh, PT aqui não. O que você está fazendo aqui?”. Embora a jornalista tenha respondido que era da imprensa, Maion insistiu que a profissional era do PT. Em seguida, outros manifestantes estenderam uma bandeira do Brasil na frente da câmera e a transmissão teve que ser interrompida.

CASOS DE VIOLÊNCIA 2022



INTIMIDAÇÕES

1º de novembro – **Repórteres** da Rádio Gaúcha e da **RBS TV** foram intimidados por manifestantes que bloquearam a RS-040, no Rio Grande do Sul (RS), em protesto contra o resultado das urnas, que elegeu Luiz Inácio Lula da Silva. Impedidos de trabalhar, os profissionais tiveram que deixar o local.

1º de novembro – A repórter do site Conexão Revista, **Lindiagane Carvalho**, foi intimidada por manifestantes bolsonaristas que protestavam contra o resultado da eleição presidencial na BR 369, em Corbélia (PR), quando entrevistava um agente da Polícia Rodoviária Federal (PRF), que estava na rodovia para acompanhar a situação. Os manifestantes acusaram a jornalista de induzir as respostas do policial e começaram a gritar palavras de ordem e a chamar a profissional de “comunista”. Lindiagane e o **cinematista** tiveram que deixar o local escoltados pela PRF.

1º de novembro – A repórter da TV Band, **Clara Nery**, e o **cinematista** que a acompanhava foram hostilizados por manifestantes bolsonaristas que protestavam contra o resultado da eleição presidencial, na Rodovia Hélio Smidt, em Guarulhos (SP). “Fora, Band”, “Fora”, gritava um grupo que obrigou a equipe a se afastar do local.

1º de novembro – A repórter **Aurora Fernandes** e o **cinematista** da TV Anhanguera, afiliada da TV Globo, os repórteres **Cynthia Miranda** e **Matheus Dias**, os cinematistas **Fernando Cardoso** e **Anacleto Barros**, da TV Jovem Palmas, afiliada da TV Record, e a repórter **Gabriella Régis**, da Rádio CBN Tocantins, foram hostilizados e intimidados por manifestantes bolsonaristas que bloqueavam a ponte que liga Palmas ao município de Luzimangues (TO), no protesto contra o resultado da eleição presidencial. Aos gritos de “imprensa lixo” e “fora daqui”, os profissionais foram obrigados a deixar o local.

2 de novembro – O jornalista **Isaac Risco**, do canal DW, foi intimidado por apoiadores do então presidente Jair Bolsonaro, enquanto cobria os bloqueios em rodovias no Paraná (PR) por manifestantes que não aceitavam a vitória de Luiz Inácio Lula da Silva nas urnas. O repórter foi obrigado a apagar imagens feitas e foi hostilizado pelos manifestantes no local.

2 de novembro – Uma **equipe** da TV Record foi impedida de trabalhar ao chegar ao Comando Militar do Sul, em Porto Alegre (RS), para cobertura de protesto que pedia intervenção das forças militares no processo eleitoral que deu vitória a Luiz Inácio Lula da Silva. Dois homens xingaram, intimidaram e expulsaram os profissionais do local.

2 de novembro – Um grupo de quatro manifestantes com camisas amarelas da Seleção Brasileira cercou uma **equipe** do SBT, durante protesto em Porto Alegre (RS) que pedia intervenção das forças militares no processo eleitoral que deu vitória a Luiz Inácio Lula da Silva. As imagens gravadas mostram a intimidação verbal dos homens que cobravam uma explicação dos termos utilizados pelo jornalista para noticiar o protesto.

2 de novembro – O repórter da TV Globo, **Caco Barcellos**, foi intimidado por um homem, em Coronel Sapucaia (MS), ao flagrar uma suspeita de compra de votos e assédio eleitoral em favor do então presidente Jair Bolsonaro. O intimidador orientou que o jornalista “ficasse na sua”. Barcellos ainda foi aconselhado a deixar a cidade. O episódio teve início após o repórter acompanhar uma reunião com beneficiários do Auxílio Brasil orientados a votar no 22, número de Bolsonaro nas urnas.

2 de novembro – A repórter **Fernanda Xavier** e o cinegrafista **Paulo Melo**, da TVCI, foram hostilizados e intimidados durante cobertura dos protestos contra o resultado da eleição presidencial e em defesa de um golpe militar, em Paranaguá (PR). O carro de reportagem foi invadido pelos manifestantes, que chegaram a afirmar que a equipe teria agredido uma idosa, o que não era verdade.

2 de novembro – A repórter da TV Paranaíba, afiliada da TV Record, **Anna Paula Lemos**, foi hostilizada e intimidada por manifestantes bolsonaristas, durante cobertura ao vivo dos atos antidemocráticos que bloqueavam uma estrada em Patos de Minas (MG). Ao mostrar a presença de carros de passeio e caminhões parados na rodovia, a repórter foi interrompida por uma mulher vestida com a camisa verde-amarela e uma bandeira do Brasil, que declarou que a reportagem estava mentindo sobre a manifestação.

2 de novembro – A repórter da TV Record, **Paola Vianna**, foi intimidada por um grupo de manifestantes bolsonaristas que protestava contra o resultado da eleição presidencial, em São Paulo (SP). Ao mostrar um homem sendo detido por estar armado no protesto, o grupo cercou a repórter, impedindo o registro da imagem.

2 de novembro – A jornalista argentina do canal TodoNoticias, **Carolina Amoroso**, foi hostilizada e intimidada por um grupo de manifestantes bolsonaristas que participava de atos antidemocráticos, em São Paulo (SP). Aos gritos, o grupo cercou a jornalista com frases como “Fora, Argentina”, “Fernandez é um lixo” e “Não queremos argentinos aqui”.

4 de novembro – O repórter **Oscar Xavier** e o cinegrafista **Isael Alves**, da TV Correio, afiliada da Rede Record, foram intimidados e hostilizados por manifestantes bolsonaristas durante cobertura dos atos antidemocráticos em frente ao Grupamento de Engenharia, em João Pessoa (PB). Além de tentarem controlar o que o repórter falaria, os manifestantes filmaram o jornalista e gritavam ao lado dos profissionais, atrapalhando a reportagem.

4 de novembro – A jornalista **Leir Freitas** e o cinegrafista **Higor Virgilato**, da TV Allamanda, afiliada do SBT, foram intimidados por manifestantes bolsonaristas que bloquearam a BR-364, em Cacoal (RO), em protesto contra o resultado da eleição presidencial. Recebidos aos gritos de “Fora!” e de “comunistas”, os profissionais foram impedidos de realizar a cobertura.

CASOS DE VIOLÊNCIA 2022



CENSURA

13 de abril – O presidente dos Santos Futebol Clube, Andrés Rueda, negou credenciamento à **equipe de reportagem do portal UOL** para acompanhar a partida do time contra o Universidad Católica, do Equador, no estádio Vila Belmiro (SP), pela Copa Sul-Americana. A proibição ocorreu após críticas do jornalista esportivo Juca Kfourí à atuação do Santos no empate contra o Fluminense, dias antes. Kfourí chamou o time da baixada santista de “Ninguém FC (Futebol Clube)”.

10 de setembro – **Jornalistas** da Agência Estado, Folha de S.Paulo e O Globo foram expulsos da convenção de Assembleias de Deus do Ministério de Madureira, em Deodoro (RJ), antes de o então presidente Jair Bolsonaro se pronunciar. Os profissionais foram abordados por seguranças do evento, que chegaram a filmar os jornalistas, e acompanhados para fora da Arena da Juventude, na Vila Militar. Equipes de TV também foram impedidas de entrar.



IMPORTUNAÇÃO SEXUAL

4 de abril – Uma equipe da TV Globo foi vítima de crime de ato obsceno, enquanto a repórter **Camila Guimarães** fazia uma entrada ao vivo, em Samambaia (DF). Um carro passou em baixa velocidade na rua e o homem que estava no banco do carona colocou as nádegas na janela, aparecendo na imagem da reportagem.

7 de setembro – A repórter da ESPN, **Jéssica Dias**, foi beijada no rosto, sem autorização, por um torcedor do Flamengo, enquanto fazia uma transmissão ao vivo momentos antes da partida entre o time carioca e o argentino Vélez Sarsfield pela semifinal da Libertadores, no Maracanã (RJ). A equipe que acompanhava Jéssica conseguiu segurar o assediador, que foi preso após prestar esclarecimentos à polícia.

19 de outubro – A apresentadora da TV Globo, **Bárbara Coelho**, foi vítima de importunação sexual pela internet. Coelho recebeu, pelas redes sociais, vídeos de um homem se masturbando com fotos dela.

29 de dezembro – A apresentadora da TV Bandeirantes, **Livia Nepomuceno**, foi assediada por um telespectador que usou as redes sociais para mandar mensagens de cunho sexual. Um homem identificado como Lucas Vitolo, do Rio de Janeiro, afirmava que “estava se masturbando enquanto a via no comando do programa esportivo Jogo Aberto”.



ROUBO/FURTO

29 de outubro – O jornalista da emissora portuguesa RTP, **Daniel Catalão**, foi surpreendido por dois jovens que tentaram furtá-lo enquanto entrava ao vivo de São Paulo (SP), durante cobertura das eleições brasileiras.



SEQUESTRO

30 de dezembro – O jornalista **Sandro André da Silva Ferreira** foi espancado e sequestrado enquanto fazia uma reportagem sobre o fechamento de postos de saúde em Tucuruí (PA). Ele foi agredido por um dos seguranças do posto e, em seguida, colocado dentro de uma caminhonete. Durante o trajeto, Sandro voltou a ser agredido na cabeça, no peito e abdômen. O sequestro teria ocorrido a mando do prefeito do município, Alexandre Siqueira, que nega as acusações. O caso está sendo investigado sob sigilo.



DECISÕES JUDICIAIS

11 de janeiro – O ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), Gilmar Mendes, derrubou a censura prévia imposta, em agosto de 2021, à **reportagem da RBS TV** sobre investigação do Ministério Público (MP) contra o prefeito de Bagé, Divaldo Lara (PTB). Na matéria, o repórter Giovani Grizotti relata supostas práticas de corrupção ocorridas na cidade e denunciadas pelo MP à justiça, em uma investigação que contou com a delação premiada de um empresário da região. Na decisão, o ministro entendeu que obter informações sigilosas da investigação não implica em ato ilícito da RBS TV nem do autor da reportagem. Gilmar Mendes também enfatizou não haver legitimação para a interferência do Poder Judiciário na divulgação do trabalho jornalístico.

16 de janeiro – O Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios (TJDFT) rejeitou ação movida pelo advogado Wilson Koressawa, que pedia a prisão do jornalista e apresentador da TV Globo, **William Bonner**, por incentivar a vacinação contra a COVID-19 em crianças e adolescentes. No pedido, o advogado alegava que Bonner e outros repórteres faziam parte de uma organização criminosa por esclarecer os impactos positivos da vacina no combate à pandemia, além de induzir as pessoas ao suicídio. Na decisão, a magistrada classificou o pedido como “descabido” e reiterou que o Poder Judiciário não pode “afagar delírios negacionistas, reproduzidos pela conivência ativa – quando não incendiados – por parte das instituições, sejam elas públicas ou não”.

8 de fevereiro – A 1ª Câmara Cível do Tribunal de Justiça do Amazonas (TJ-AM) suspendeu a decisão da Vara Cível e de Acidentes de Trabalho de Manaus, que determinava o bloqueio de R\$ 1,8 milhão da **Editora Globo** por descumprimento de decisão judicial anterior, em favor da Samel. A ofensiva judicial da Samel teve início em abril de 2021, quando o jornal O Globo publicou no blog da colunista Malu Gaspar uma série de reportagens revelando indícios de fraude e violações éticas em um ensaio clínico com a proxalutamida em doentes de COVID-19, realizado em unidades da Samel e em outros

CASOS DE VIOLÊNCIA 2022

DECISÕES
JUDICIAIS

hospitais amazonenses. De acordo com o novo despacho, ao ordenar a indisponibilidade dos recursos, o juiz de primeiro grau descumpriu o que já havia sido definido em segunda instância e que, portanto, não houve transgressão por parte da Editora Globo. Em 22 de fevereiro, a 2ª turma do Supremo Tribunal Federal manteve a decisão contra a censura das reportagens do jornal. O STF entendeu que a publicação de reportagens sobre inconsistências e suspeitas de fraude em ensaio com medicamento ineficaz contra a COVID-19 “ocorreu à luz da liberdade de imprensa”.

9 de fevereiro – O Tribunal de Justiça de São Paulo (TJ-SP) condenou o **Grupo Globo** ao pagamento de multa no valor de R\$ 88.803 por racismo em um episódio do humorístico “Sensacionalista”, exibido nos dias 25 e 28 de outubro de 2013 no canal Multishow. Na ocasião, o programa mostrou um cachorro denominado como “cãodomblé”, que apareceu vestido de branco e foi apresentado como um animal especial que “recebe entidades”, “prevê o futuro” e “joga búzios”.

2 de abril – A 41ª Vara Criminal do Rio de Janeiro determinou a exclusão de três matérias do site **GGN**, do jornalista Luis Nassif, sobre a influência do desembargador Luiz Zveiter na Justiça fluminense.

14 de abril – O Tribunal de Justiça do Paraná (TJ/PR) determinou o credenciamento da jornalista **Monique Vilela** para cobertura da partida entre o Athletico-PR e The Strongest, da Bolívia, pela Copa Libertadores da América. A jornalista, que tem um canal no YouTube, fez o pedido de credenciamento dentro do prazo regulamentar, mas teve sua demanda negada pelo clube sem qualquer justificativa razoável.

7 de maio – A 1ª Câmara de Direito Privado do Tribunal de Justiça de São Paulo (TJ/SP) derrubou a sentença que condenou o médico Drauzio Varella e a **Rede Globo** à indenização de R\$ 150 mil por danos morais ao pai de um menino estuprado e morto pela travesti Suzy, personagem de uma reportagem que abordou preconceitos, abandono e violência vivenciados por mulheres transexuais presas. A multa havia sido estipulada pela Justiça

de 1ª instância, que considerou “abusou do direito de informação” da emissora ao exibir a reportagem sem expor o crime pelo qual Suzy foi condenada.

14 de maio – O Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul condenou o site de checagem **Aos Fatos** e a fundadora do portal Tai Nalon a indenizar o Jornal da Cidade Online em R\$ 10 mil após publicação de notícia que afirmava que o portal bolsonarista integraria uma rede de desinformação com o site da viúva do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra. O juiz Diel Barth determinou ainda que Aos Fatos exclua a reportagem após o recebimento da notificação.

17 de maio – O Superior Tribunal de Justiça (STJ) arquivou uma queixa-crime do procurador-geral da República, Augusto Aras, contra o jornalista **André Barrocal** que, em artigo publicado em 2020, fez uma alusão ao PGR como “cão de guarda” do então presidente Jair Bolsonaro, ao se omitir em relação a condutas do governo durante a pandemia de COVID-19. Aras alegou que teve a honra ofendida. No entendimento do STJ, jornalistas não podem ser alvo de censuras judiciais, mesmo que façam “críticas ácidas” contra autoridades públicas.

7 de junho – A 24ª Vara Cível de São Paulo condenou o então presidente Jair Bolsonaro a pagar R\$ 100 mil de indenização por dano moral coletivo à categoria dos **jornalistas**. Em 2021, o Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo ingressou com uma ação civil pública contra Bolsonaro para que ele parasse de ofender, deslegitimar ou desqualificar a profissão de jornalista ou os próprios profissionais da imprensa, bem como vazar/divulgar quaisquer dados pessoais de jornalistas. O pagamento de indenização deve ser revertido para o Fundo Estadual de Defesa dos Direitos Difusos. O ex-presidente recorreu da decisão.

20 de junho – A Justiça de São Paulo rejeitou o pedido de indenização por danos morais no valor de R\$ 45 mil feito por Filipe Martins, assessor para assuntos internacionais da Presidência da República, contra o jornalista

Fabio Pannunzio. Em março de 2021, durante uma sessão no Senado Federal, Martins fez um gesto com a mão direita que foi interpretado por políticos e jornalistas como sendo a reprodução de um símbolo dos supremacistas brancos, no formato “WP” (White Power, poder branco). Em post no Twitter, o jornalista chamou o assessor de “neonazista”. No processo, Martins disse que estava apenas arrumando a lapela do seu paletó. O processo encontra-se em fase de recurso.

1º de julho – A Justiça do Rio de Janeiro proibiu a **TV Globo e a Rede Record** de veicularem informações sobre a polêmica que envolve o influenciador digital Iran Ferreira, o Luva de Pedreiro, e seu ex-empresário, Allan Jesus. O TJRJ acatou liminar do empresário que vetou menções ao seu nome e a detalhes contratuais ou que as emissoras façam qualquer manifestação que fomente discurso de ódio. Após a decisão em primeira instância, as duas reportagens foram ao ar com cortes nas edições.

3 de agosto – O Tribunal de Justiça de Mato Grosso do Sul (TJMS) determinou que o ex-deputado federal e ex-secretário estadual de Obras, Edson Giroto, cumpra a pena de um mês e 15 dias em regime aberto pela agressão, em março de 2018, contra a jornalista **Mariana Rodrigues**, na época, no jornal Midiamax. Ao se apresentar para cumprir a prisão por corrupção, determinada pelo Supremo Tribunal Federal, o ex-deputado bateu no celular e acabou atingindo a boca da repórter. A agressão foi considerada violenta pelo TJMS, que determinou a condenação de Edson Giroto.

23 de setembro – O Tribunal de Justiça do Distrito Federal (TJDFT) determinou a retirada do ar de reportagens do portal **UOL**, que tratavam da compra de 51 imóveis em dinheiro vivo pela família do então presidente Jair Bolsonaro (PL). A decisão liminar atendeu a um pedido do senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ). Na decisão, o magistrado entendeu que as reportagens se basearam em uma investigação anulada pelo Superior Tribunal de Justiça (STJ). O ministro André Mendonça, do Supremo Tribunal Federal (STF), derrubou a decisão que mandou o UOL tirar do ar as reportagens contra a família

CASOS DE VIOLÊNCIA 2022

DECISÕES
JUDICIAIS

Bolsonaro. Na decisão, o ministro afirmou que o Estado Democrático de Direito deve ser assegurado aos brasileiros de todos os espectros político-ideológicos o amplo exercício da liberdade de expressão.”

15 de dezembro – A 6ª Câmara de Direito Privado do Tribunal de Justiça de São Paulo condenou o fundador do site bolsonarista Terça Livre, Allan dos Santos, a indenizar em R\$ 35 mil a jornalista da Folha de S.Paulo **Patrícia Campos Mello**. O relator do caso considerou que as expressões de cunho sexual usadas por Santos contra a repórter não são relacionadas à liberdade de expressão. Em fevereiro de 2020, após o ex-funcionário da empresa Yacows mentir à CPMI das Fake News que Patrícia havia oferecido sexo em troca de informações, o Terça Livre transmitiu a live “O Prostíbulo em Desespero”. Além da transmissão, Allan dos Santos fez ataques contra a repórter nas redes sociais, desmerecendo-a enquanto mulher e jornalista.

15 de dezembro – O Tribunal de Justiça do Mato Grosso (TJMT) condenou o jornal **Folha de S.Paulo** e o repórter **Fabiano Maisonnave** ao pagamento de indenização de R\$ 9.325,50 por danos morais à advogada Mauren Lazzaretti, citada na matéria “41% da exploração de madeira em MT é ilegal, diz estudo”, de 2018. A matéria apresenta dados do Instituto Centro de Vida (ICV), que apontam Lazzaretti, então secretária-adjunta de Licenciamento Ambiental e Recursos Hídricos da Secretaria de Estado do Meio Ambiente de Mato Grosso (SEMA/MT), como a responsável pela autorização para exploração ilegal de madeira na região. A reportagem traz ainda o perfil da advogada, que atuava na defesa de crimes ambientais e chegou a ser presa em 2005, durante operação contra a exploração ilegal de madeira, mas foi libertada e não acusada na Justiça. O TJMT afirmou que as informações eram verdadeiras, mas que o repórter, ao reunir os fatos de datas distantes, intencionava depreciar a imagem da ex-funcionária, “com o objetivo de levantar suspeitas quanto a sua lisura no exercício do cargo junto à Secretaria de Meio Ambiente Estadual”.

16 de dezembro – O Juizado Especial Cível de Cotia, em São Paulo, condenou quatro pessoas – dois negros, uma travesti e um branco – a indenizar, cada um, em R\$ 3 mil, a colunista do UOL, **Madeleine Lacsco**, por terem chamado a jornalista de “racista” e “transfóbica” em uma discussão que ocorreu no Twitter em julho de 2021. Na sentença, o juiz João Cremasco afirmou que Madeleine nunca foi condenada por crimes de racismo e transfobia e, portanto, não poderia ser chamada nem de racista, nem de transfóbica porque pessoas estariam lhe atribuindo crimes que não cometeu.



TSE E PERÍODO ELEITORAL

2 de outubro – O Tribunal Superior Eleitoral (TSE) determinou ao portal **O Antagonista** a remoção de conteúdo classificado como “sabidamente inverídico”, sobre suposta declaração de voto do chefe do PCC (Primeiro Comando da Capital), Marcos Willians Camacho, o Marcola, ao então candidato a presidente, Luiz Inácio Lula da Silva. A determinação se estendeu a outros veículos de comunicação, portais e perfis que reproduziram o conteúdo. Na reportagem, O Antagonista reproduz trechos de supostos diálogos monitorados pela Polícia Federal entre Marcola e outras pessoas.

13 de outubro – O Tribunal Superior Eleitoral (TSE) determinou que o grupo **Jovem Pan** concedesse direito de resposta ao então candidato a presidente, Luiz Inácio Lula da Silva (PT), em razão de declarações de comentaristas da emissora consideradas distorcidas ou ofensivas ao petista. A Corte também abriu uma investigação eleitoral para apuração de falta de isonomia no tratamento dado a Lula e ao então candidato à reeleição, Jair Bolsonaro.

16 de outubro – O Tribunal Superior Eleitoral (TSE) acatou pedido da campanha do então candidato à Presidência da República, Luiz Inácio Lula da Silva, e abriu investigação contra o proprietário da **Jovem Pan**, Antônio Augusto Amaral de Carvalho Filho, o então candidato à reeleição, Jair Bolsonaro, e seu vice, Braga Neto. Na ação, os advogados da campanha de Lula apontaram que a emissora é uma concessionária de serviços públicos que se engajou no ecossistema bolsonarista. Ao analisar o pedido, o TSE considerou que a gravidade do uso indevido dos meios de comunicação decorre do amplo alcance da rádio, da televisão e dos canais de YouTube da Jovem Pan, com potencial impacto na escolha de milhões de eleitores e eleitoras que foram expostos diuturnamente à desinformação divulgada com a roupagem de jornalismo e debate crítico.

Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão – **ABERT**

DIRETORIA-EXECUTIVA

Presidente

Flávio Lara Resende

Vice-Presidente

Roberto Cervo Melão

Diretor Geral

Cristiano Lobato Flôres

ASSOCIAÇÕES ESTADUAIS

Associação Amazonense de Emissoras de Rádio e Televisão – **AMERT/AM**

Associação Baiana de Empresas de Rádio e Televisão – **ABART/BA**

Associação Cearense de Emissoras de Rádio e Televisão – **ACERT/CE**

Associação dos Veículos de Comunicação do Distrito Federal – **AVEC/DF**

Associação das Emissoras de Rádio e Televisão do Espírito Santo – **AERTES/ES**

Sindicato das Empresas de Rádio e Televisão de Goiás – **SERT/GO**

Associação Maranhense de Rádio e Televisão – **AMART/MA**

Associação Mineira de Rádio e Televisão – **AMIRT/MG**

Associação de Emissoras de Radiodifusão do Mato Grosso Sul – **AERMS/MS**

Associação Paraense de Emissoras de Rádio e Televisão – **APERT/PA**

Associação das Emissoras de Radiodifusão da Paraíba – **ASSERP/PB**

Associação das Empresas de Radiodifusão de Pernambuco – **ASSERPE/PE**

Associação Potiguar de Emissoras de Rádio e Televisão – **APOERT/RN**

Associação das Emissoras de Radiodifusão do Paraná – **AERP/PR**

Associação das Emissoras de Rádio e Televisão Estado do Rio de Janeiro – **AERJ/RJ**

Associação Gaúcha das Emissoras de Rádio e TV – **AGERT/RS**

Associação Catarinense de Emissoras de Rádio e Televisão – **ACAERT/SC**

Sindicato das Empresas de Rádio, Televisão, Jornais e Revistas do Est. de Sergipe – **SINERTEJ/SE**

Associação de Emissoras de Rádio e TV do Estado de São Paulo – **AESP/SP**

Associação das Emissoras de Rádio e Televisão do Estado do Tocantins – **AERTO/TO**

CONSELHO SUPERIOR 2022-2026

CÂMARA DE RÁDIO

Acácio Luiz Costa
Gabriel Martinez Massa
Roberto Cervo Melão
José Ernesto Freitas Camargo
Marcelo Bechara de Souza Hobalka
Fernando Vieira de Mello
Emanuel Soares Carneiro
Luís Eduardo Leão de Carvalho
Vago
Rafael Pizani
José Antônio do Nascimento Brito
Felipe Manoel Zangari Flor
Marcelo Carvalho
Guilherme Augusto Machado
Marise Westphal Hartke
Luciano Pimenta
Orlando José Zovico
Ricardo Zovico
Paulo Machado de Carvalho Neto
Carlos Henrique Agustini
Antônio Carlos Coutinho
Edson Queiroz Neto
Heloísa Helena de Macedo E. A. Moreira
Rodrigo Neves

CÂMARA DE TELEVISÃO

Antônio Carlos Magalhães Júnior
Phelippe Daou Neto
João Camilo
Marina Lima Draib
Vicente Jorge Rodrigues
Fernando Eugênio
Jaime Câmara Júnior
Eduardo Carlos
Jaime Machado Da Ponte Filho
Carlos Sanchez
João Monteiro de Barros Neto
Geizom Sokacheski
José Roberto Maluf
João Carlos Paês Mendonça
Claudio Toigo Filho
Fernando Di Gênio
Otávio Dumit Gadret
Rodrigo Martinez
Paulo Tonet Camargo
Eduardo Boschetti
Roberto Dias Lima Franco
Carlos Amaral
Flávio Ferreira de Lara Resende
Thiago Leal Resende

CONSELHO FISCAL

Silvimar Flávio Ramiro
Valdirene Pedrosa
Pedro Augusto França
Cláudio Massetti Neto
Lucenir Noletto Monteiro
Guliver Augusto Leão





Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão

Ed. Via Esplanada • SAF/SUL • Qd. 02 • Bl. D • Sala 101 • Asa Sul • Brasília-DF • CEP: 70070-600

Fone: (61) 2104-4600 • www.abert.org.br